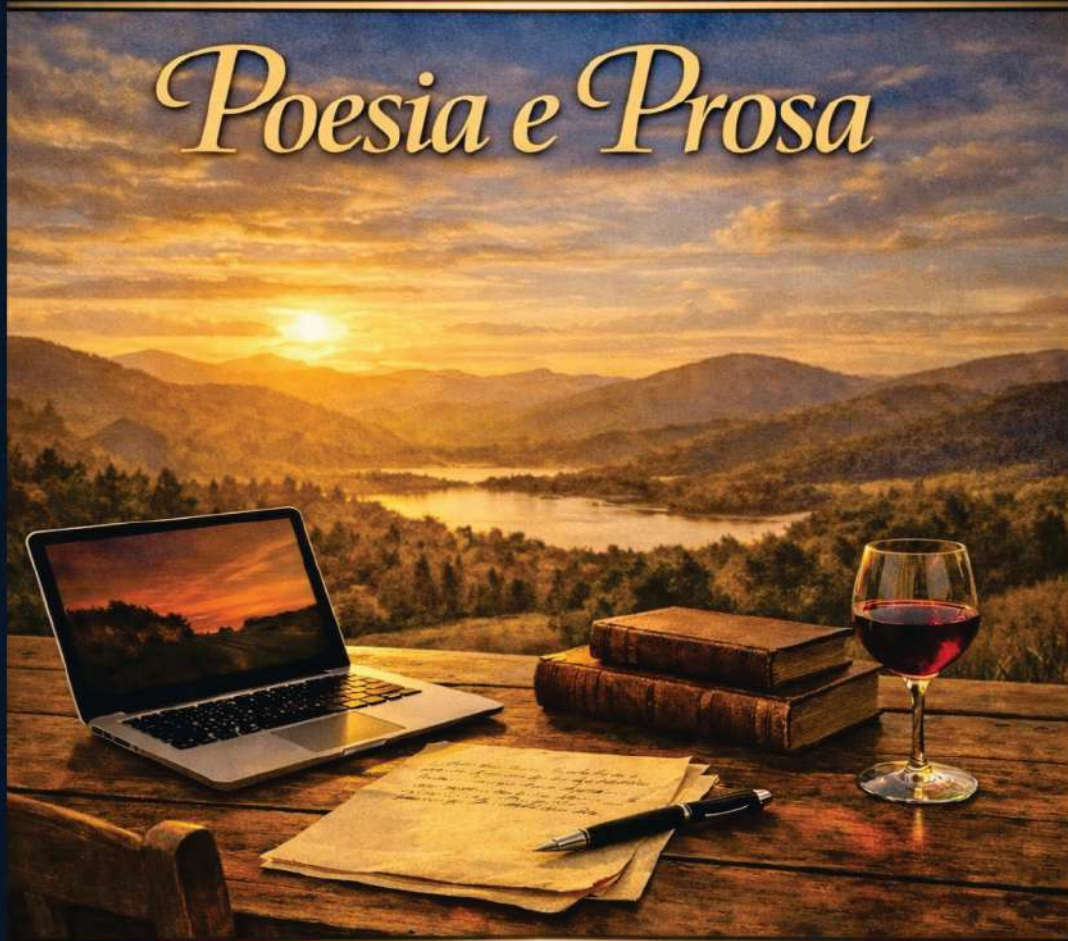


XXXIV Concurso Literário

de

Poesia e Prosa



Patronesse
Beatriz Virgínia Camarinha Castilho Pinto

Academia de Letras de São João da Boa Vista
2026

XXXIV CONCURSO LITERÁRIO

DE

POESIA E PROSA



2026

FICHA TÉCNICA

DIAGRAMAÇÃO E CAPA:

Neusa Maria Soares de Menezes

REVISÃO TEXTUAL:

Beatriz Virgínia Camarinha Castilho Pinto

Maria José Gargantini Moreira

CONSULTORIA TÉCNICA:

Paulo Tonon

ASSESSORIA TÉCNICA:

Maria Cândida de Oliveira Costa

COORDENAÇÃO:

Maria José Gargantini Moreira

www.alsjbv.org.br

São João da Boa Vista - outubro de 2026

SUMÁRIO

Palavra da PRESIDENTE.....	7
Palavra da PATRONESSE.....	9
Palavra da COORDENADORA.....	11
COMISSÃO JULGADORA	13
Vencedores na categoria POESIA.....	15
Prêmio EMÍLIO LANSAC TOHA.....	16
O LIVRO IMPERFEITO.....	17
O BAÚ DAS COISAS INVISÍVEIS.....	18
O JARDIM DO TEMPO.....	19
OGOSTO DE ALGUÉM.....	20
AQUILO QUE NÃO SE TOCA.....	22
SUCESSÃO.....	23
A VIDA NA MENTE DE UM ESTRANHO.....	25
FALTA	28
AQUALTUNE.....	29
O PÁSSARO	31
PRIMAVERA PARAENSE.....	33
AS VERSÕES QUE ME HABITARAM.....	35
Prêmio Especial OCTÁVIO PEREIRA LEITE.....	37
HERANÇA INVISÍVEL.....	38
A TEIA DA LAGARTA.....	39
AS FERRAMENTAS DO PAI.....	41
Vencedores na categoria PROSA.....	45
Prêmio FÁBIO CARVALHO NORONHA.....	46
BRIGA NO SISTEMA SOLAR.....	47
PUDIM REGENERADOR.....	48
SETE DIAS.....	51
MANUAL DE COMO DESAPARECER EM VIDA.....	53
O PESO DO SILÊNCIO NO CORREDOR 3.....	55
NEM TUDO ERA PARAÍSO (E AINDA BEM).....	57
TENTATIVA 1.....	59

SUJEITA.....	62
UM BILHETE NO BOLSO DO CASACO.....	65
AS LINHAS INTRANSIGENTES DO ACASO.....	68
A PACIÊNCIA DO CALCÁRIO.....	71
A MULHER QUE ESCREVE.....	75
Prêmio Especial OCTÁVIO PEREIRA LEITE.....	77
FINITUDE.....	78
<i>TIRAMISÙ</i>	82
SOL QUE FERVE, CHUVA QUE AFOGA.....	85
Menção Honrosa - POETA -	88
ACADÊMICOS NA ATUALIDADE.....	90
DIRETORIA ATUAL.....	91

PALAVRA DA PRESIDENTE

A Academia de Letras de São João da Boa Vista abre, mais uma vez, as portas de sua casa simbólica — feita de livros, vozes, memórias e sonhos — para acolher a 34ª Antologia do Concurso de Prosa e Poesia. Cada edição deste certame é como uma nova estação da palavra: nela germinam sentimentos, amadurecem ideias e florescem textos que carregam, em sua delicada arquitetura, a marca viva de quem ousou transformar silêncio em expressão.

Em tempos de inteligência artificial, quando máquinas aprendem a ordenar palavras e a simular caminhos da linguagem, a escrita humana resplandece com ainda maior intensidade. Porque não basta alinhar frases para que nasça literatura. É preciso haver pulsação, lembrança, sonho, ferida e esperança. É preciso que uma vida atravesse a página, que um olhar toque o mundo e dele recolha a centelha que nenhuma engrenagem, por mais sofisticada, é capaz de acender.

Esta Antologia reúne mais do que contos e poesias: reúne presenças. Em cada texto, há uma mão que escreveu, uma memória que insistiu, uma emoção que procurou forma, uma voz que encontrou coragem para se oferecer ao outro. São páginas que respiram humanidade e nos recordam que a literatura continua sendo ponte sobre o tempo, abrigo contra o esquecimento e claridade lançada sobre os mistérios da existência.

Ao promover a 34ª edição de seu Concurso de Prosa e Poesia, a Academia reafirma sua missão luminosa: guardar a tradição sem fechar os olhos ao futuro; honrar a palavra antiga e, ao mesmo tempo, escutar os novos rumores do mundo. A tecnologia pode ampliar ferramentas, aproximar distâncias e sugerir caminhos, mas é o ser humano quem oferece à escrita sua alma secreta — a dúvida que amadurece, a dor que se transfigura, a alegria que canta, o pensamento que se ergue em busca de sentido.

Que esta 34ª Antologia seja, portanto, uma celebração da palavra em sua chama mais humana. Que seus autores encontrem leitores capazes

de escutar, nas entrelinhas, o rumor de cada vida que aqui se anuncia. Que a Academia de Letras de São João da Boa Vista continue sendo farol, jardim e casa: farol que orienta, jardim onde a criação floresce, casa onde a cultura é acolhida, preservada e repartida. Em meio às novas inteligências que o tempo nos apresenta, permaneça soberana a inteligência sensível do coração que escreve.

Não poderia deixar de exaltar o trabalho incansável da coordenadora do Concurso, acadêmica Maria José Gargantini Moreira, e o primor editorial de Neusa Maria Soares de Menezes. A dedicação dessas acadêmicas, aliada ao engajamento dos acadêmicos que se dispuseram a ler e avaliar os textos, revela a força colaborativa e intelectual que define a Academia de Letras. Nesta edição, a escolha da patronesse é motivo de especial homenagem: a acadêmica Beatriz Virgínia Camarinha Castilho Pinto, professora de Português e mestra universitária, que personaliza a essência da Academia por seu constante incentivo à cultura.

Ao concluir, deixo meu reconhecimento aos vencedores, aos escritores estreantes e aos já experientes que fazem parte desta Antologia, bem como à Academia de Letras de São João da Boa Vista, a quem presto especial reverência. Que esta instituição siga como lugar de encontro, estímulo e valorização da palavra, preservando com firmeza sua missão de alimentar a imaginação, ampliar o pensamento crítico e manter viva a potência da comunicação.

Cumprimentos à Academia de Letras, símbolo maior da cultura, manancial permanente de inspiração, saber e transformação!

Carmen Lia Batista Botelho Romano
Cadeira 36
Patronesse Patrícia Rehder Galvão - Pagu
Presidente da ALSJBV - 2025/2026

PALAVRA DA PATRONESSE

É uma honra participar desta Antologia na condição de patronesse do tradicional Concurso Literário da Academia de Letras de São João da Boa Vista, ora em sua 34ª edição. Ao longo desse período – mesmo antes do meu ingresso nesta Casa, quando o certame já tinha seis anos – pude acompanhar sua consolidação, graças não só à seriedade com que foi sempre conduzido, mas também ao avanço tecnológico que possibilitou a sua internacionalização.

De minha parte, no decorrer das quase três décadas em que pertenço a esta Arcádia, tive o privilégio de atuar como julgadora e como coordenadora do Concurso. E devo confessar que essa tem sido uma experiência ímpar, tanto pela fruição estética proporcionada por textos construídos com sensibilidade e arte, quanto pela possibilidade de, lendo-os, viver outras vidas, colocar-me no lugar do outro e experimentar emoções que a vida concreta nem sempre oferece. Vêm-me à mente as palavras do filósofo Walter Benjamin, segundo quem “o narrador retira o que conta da experiência – de sua própria experiência ou da relatada pelos outros – e transforma isso em experiência dos que escutam”. Eis aí o poder da literatura: salvar do esquecimento as nossas vivências, transformar percepções, promover o autoconhecimento, proporcionar prazer estético. Tudo isso senti nos poemas e contos premiados no XXXIV Concurso Literário, os quais o leitor encontrará nesta Antologia.

Como educadora e amante da literatura, sinto-me grata por participar de um concurso que reúne autores de todas as idades e regiões do país (ou melhor, do mundo), que nos abre as portas das escolas e alimenta nosso contato com educadores, que permite descobrir novos talentos e incentivá-los na arte da escrita. Afinal, nestes 34 anos, vários dos nossos finalistas mirins se tornaram profissionais da palavra: jornalistas, historiadores, juristas, professores e... escritores publicados – um deles, André Kondo, ganhador do Prêmio Jabuti em 2025.

Esta Antologia é mais que uma premiação aos autores: é uma celebração da força da palavra. Fazer literatura é falar da nossa própria essência, da nossa humanidade, das nossas fraquezas e dos nossos anseios. A literatura é o território onde a vida se expande.

Ah, a vida, a vida humana... E aqui se coloca uma questão crucial que atormenta os organizadores de premiações literárias: os textos gerados por inteligência artificial - IA. Estes têm abundado em concursos mundo afora, a ponto de se cancelar certame, cassar premiação, recusar-se publicação de texto. Embora gramaticalmente perfeitos, tais textos carecem de densidade humana e de criatividade estilística, pois repetem os padrões médios encontrados pelos algoritmos, sendo não mais do que modelos de “perfeição estéril” que até pode agradar ao leitor desavisado. Logicamente, utilizamos *softwares* de detecção de IA, que indicam, em percentuais, a probabilidade de seu uso, mas só essa análise não basta. Enfim, desclassificar o simulacro e selecionar o trabalho autoral é tarefa demorada e delicada, senão insana, a ponto de ameaçar a sobrevivência dos concursos.

A Coordenação do XXXIV Concurso, atenta ao cuidado artístico que ancora a produção literária, premiou a literatura nascida da vivência humana. Portanto, todos aqueles que nos enviaram textos autorais são vitoriosos. Vitoriosos porque escolheram dar voz a sentimentos que tantos outros guardam em silêncio. Vitoriosos porque suas palavras têm o poder raro de transformar a dor em beleza, o instante em eternidade e o isolamento em partilha.

Aos premiados desta edição, meus cumprimentos! Que este reconhecimento sirva de estímulo para que nunca deixem de criar. Àqueles que não figuram entre os finalistas, faço um apelo: não parem. O único escritor que fracassa é aquele que guarda o texto na imaginação e desiste de contar sua história ou de cantar seus versos – ou aquele que os canta e conta com vozes alheias, senão mecânicas.

Beatriz Virgínia Camarinha Castilho Pinto
Cadeira 31

Patrono Paulo Setúbal
Patronesse do XXXIV Concurso Literário de Poesia e Prosa

PALAVRA DA COORDENADORA

*Mãos tateiam
palavras
tecido
de formas.(...)*

Orides Fontela
(in: *Transposição*)

Não poderia deixar de iniciar estas palavras da coordenação, sem antes justificar minha epígrafe. Neste ano tivemos o merecido reconhecimento de nossa poeta maior, sanjoanense, Orides Fontela, na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), em sua 24ª edição.

Neste XXXIV Concurso Literário, os números já nos dão a dimensão de vitória. Surpreendeu-nos a quantidade significativa de textos enviados de todas as regiões do país. Ainda mais, nosso Concurso ultrapassou fronteiras, com sete países participantes: Portugal, Moçambique, Angola, Itália, Bélgica, Chile e Estados Unidos (inclusive, com um dos textos vencedores). Tivemos, também, a participação expressiva de escolas da cidade, região e demais Estados, o que demonstra a credibilidade e confiança em nosso trabalho. Um sucesso!

Isto posto, os números fazem-nos repensar sobre algo no mínimo “desafiador” e, por que não?, “alvissareiro”. Desafiador, porque atualmente o que mais nos confronta na escrita é o dilema: a máquina ou o homem? É um tênue fio a separar a tecnologia do processo criativo humano.

A IA torna essa encruzilhada mais evidente ao se situar na fronteira entre ferramenta e coautoria. Há uma armadilha intelectual na IA: delegar tarefas cognitivas à máquina leva a terceirizar raciocínio, e conforto intelectual costuma ser inimigo da criatividade.

Por esse motivo, os números impressionantes deste Concurso nos convidam a não desistir desta nobre tarefa, que é a continuidade dos certames Literários desta Casa.

Não podemos negar a extenuante tarefa de passar pelo crivo da IA todos os textos selecionados pelos nossos jurados e colaboradores, nomeados nesta Antologia, aos quais agradecemos, certos da missão cumprida.

Como conseguiria a IA nos brindar com textos criativos, sensíveis, alguns densos, que lidam com o que há de mais intrínseco da alma humana; outros leves, apaixonantes, irônicos e até jocosos; alguns dolorosos, outros esperançosos, como os que se encontram nesta Antologia?

O sucesso do Concurso dá a exata medida de nosso trabalho.

Vislumbramos um novo mundo com novas máquinas a desafiar a inteligência humana. Todavia, são pessoas como os autores vencedores deste XXXIV Concurso Literário que nos dão a certeza e o alento de que a Arte, a criatividade humana, as emoções e as experiências sentidas e vividas são insuperáveis. Não há máquina que consiga “sentir” e transcrever as emoções e vivências que lemos nos textos que se encontram nesta coletânea.

Esta Antologia comemora a superação da criação *versus* IA.

Os autores dos textos aqui publicados não são apenas vencedores, são vitoriosos! Que este concurso simbolize a “transposição”, de que fala Orídes, para uma nova e produtiva etapa do ato criativo, puro e verdadeiro, que vem da nossa essência humana e que nenhuma máquina conseguirá jamais imitar.

Maria José Gargantini Moreira

Cadeira 39

Patronesse Clarice Lispector

Coordenadora do XXXIV Concurso Literário de Poesia e Prosa

COMISSÃO JULGADORA

Antonio Carlos Rodrigues Lorette
Clineida Andrade Junqueira Jacomini
David Ribeiro de Oliveira Santos
Jenny Alexandra Rugeroni
João Batista Rozon
João Pedro dos Santos Ferian
Lauro Augusto Bittencourt Borges
Lucelena Maia
Luiz Fernando Dezena da Silva
Maria Cássia Sobreiro Dias Caldas
Maria Célia de Campos Marcondes
Maria de Lourdes de Oliveira Juvêncio
Maria Ignez dos Santos D'Ávila Ribeiro
Marly Terezinha Estevam de Camargo Fadiga
Matheus de Paula Gião Lianda
Neusa Maria Soares de Menezes
Nívea Poli Barbosa
Raul de Oliveira Andrade Filho
Sílvia Tereza Ferrante Marcos de Lima
Vania Gonçalves Noronha

POESIA

POESIA

Prêmio Emílio Lansac Toha

Poesia até 12 anos

1º lugar - O verso imperfeito - Isabelli Calhau de Almeida - São Paulo - SP

2º lugar - O baú das coisas invisíveis - Thais Paulino Matos - São João da Boa Vista - SP

3º lugar - O jardim do tempo - Alicia Victória Saraiva Garcia - Caconde - SP

Poesia de 13 a 18 anos

1º lugar - O gosto de alguém - Sofia Barbosa Emerik - Brasília - DF

2º lugar - Aquilo que não se toca - Lívia Baratti Fiusa - São Paulo - SP

3º lugar - Sucessão - Sophia Sorg Barzsina - Aguaí - SP

Poesia de 19 a 39 anos

1º lugar - A vida na mente de um estranho - Armando Sampaio de Rezende Neto - Carlsbad - EUA

2º lugar - Falta - Lucas Barbosa Gomes do Nascimento - Rio de Janeiro - RJ

3º lugar - Aqualtune - Lucas Martins Leão - Paracuru - CE

Poesia de 40 a 59 anos

1º lugar - O pássaro - Dani Pollidoro - Caxias do Sul - RS

2º lugar - Primavera paraense - Virgínia Tereza Pereira Medeiros - Cametá - PA

3º lugar - As versões que me habitaram - Iamara Lopes Valle dos Santos - Saquarema - RJ

Prêmio Especial Octávio Pereira Leite

Poesia 60+

1º lugar - Herança invisível - Eunice de Souza Almeida - Salvador - BA

2º lugar - A teia da lagarta - Cezar Augusto Rufino de Santa Ana - Rio das Ostras - RJ

3º lugar - As ferramentas do pai - Deslandi Torres - São Paulo - SP

Prêmio Emílio Lansac Toha

Emílio Lansac Toha (1897-1984), um dos fundadores da Academia de Letras de São João da Boa Vista, era exímio sonetista e, como tal, empresta seu nome ao Prêmio Literário promovido pela instituição na modalidade de Poesia.

Natural de São Simão/SP, Emílio Lansac formou-se em Contabilidade e em Direito. Fundou o Instituto Comercial e atuou como professor titular de Direito Comercial na Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas (atual Unifae) e na Faculdade de Direito (atual Unifeob) de São João da Vista. Foi diretor dos jornais *A Cidade de São João* e *O Constitucionalista*, bem como redator dos jornais *O Município* e *A Evolução*. Em São Paulo, fundou o jornal literário *O Colibri*. Foi diretor e redator-chefe da revista *Crepúsculo* e da *Revista de Contabilidade*. Colaborou em todos os jornais, tendo-se destacado no período da Revolução Constitucionalista de 1932. Foi membro correspondente de academias e instituições culturais de todo o país.

Publicou os livros *Entardecer* (sonetos), *Mensagem*, *Remanso*, *Vigília de ternura*, *Todos cantam sua terra*, *Cântaro vazio*, *Antologia poética* e *Verbena*. Quando faleceu, estava com outros dois livros prontos para publicação: *Aclive* e *Música ao longe*, este último com sonetos originais.

O VERSO IMPERFEITO

Disseram que para entrar na Academia
Eu precisava de uma dose de agonia,
Três quilos de métrica, um tanto de glória
E citar algum vulto da nossa história.
Me mudei pro mirante, papel na mão,
Esperando o crepúsculo de São João.
Achei que a luz ia baixar em mim...
Mas só me deu alergia ao pólen do jardim.
Tentei palavras difíceis, de dicionário,
Para o meu verso não parecer ordinário.
Escrevi "efêmero", "balbúrdia" e "estio",
Mas o papel continuava vazio e frio.
Aí percebi, entre um bocejo e um café,
Que a poesia não é o que a gente quer que ela seja, é o que ela é.
É essa vontade de rir do próprio esforço,
De tropeçar na rima e não sentir remorso.
Senhores jurados, de fardão ou de terno,
Não busquem em mim o que é sempiterno.
Se o meu soneto for torto e sem linhagem,
Pensem: "Ao menos ele teve coragem!"
Se não me derem o troféu de primeiro lugar,
Tudo bem, a gente volta a se encontrar.
Pois mais vale um verso manco e engraçado
Do que um gênio perfeito... mas muito chato!

Isabelli Calhau de Almeida
São Paulo - SP

O BAÚ DAS COISAS INVISÍVEIS

No canto do meu quarto, no chão,
existe um baú que não se vê nem com a mão,
nem com os olhos, mas com o coração.
Não tem fechadura nem chave de ferro,
mas guarda tesouros que eu sempre espero.

Tem risos com gosto de frutas,
tem capa de herói que vence qualquer luta,
tem bota que pula por cima do muro
e uma lanterna que brilha no escuro.

Se eu abro a tampa, vem um mundo de magia.
O medo não existe: viro princesa,
viro qualquer coisa.
Toco nas estrelas para alcançar meus objetivos.

O mundo lá fora é agitado,
mas no meu baú o mundo é assim.
Pois ser criança é ter esse dom:
mudar o destino numa só imaginação.
A chave do baú? É fácil achar...
Basta fechar os olhos e imaginar.

*Thais Paulino Matos
São João da Boa Vista - SP*

O JARDIM DO TEMPO

O relógio não corre, ele dança
Em passos lentos de quem sabe esperar
Guarda no bolso um resto de infância
E o desejo constante de saber voar.

As palavras são sementes ao vento
Plantadas no papel com calma e cor.
Cada verso é um pequeno momento
Feito de luz, de silêncio e vigor.

Não apresse o desabrochar da rosa
Pois o destino se escreve no agora.
Entre o brilho do dia e o calor
A alma encontra o que vem de fora.

O tempo conduz a vida
Faz renascer a esperança
Segundos, minutos e horas
Formar uma perfeita dança.

Ponteiros que rodam, rodam
Estando sempre a trabalhar
Marcam a passagem do tempo
Até fazem a flor brotar.

*Alicia Victória Saraiva Garcia
Caconde - SP*

1º lugar

Poesia de 13 a 18 anos

O GOSTO DE ALGUÉM

Começou com listas.

Sempre começa...

Nomes alinhados como se fossem apenas palavras,

Como se não tivesse havido risos, vozes, vida.

E o pensamento insistente:

“Quem dera fosse um erro de ortografia.”

Quem dera uma letra trocada tivesse apagado um destino.

Depois vieram os trilhos.

Frios. Infinitos.

O trem arrastava o tempo.

Malas pequenas demais para uma vida inteira.

Vidas contadas, enumeradas, empilhadas.

Mães escondiam fotos, pão e lágrimas nos casacos.

Pais buscavam mapas para um lugar que não existia.

E lá longe, chamavam aquilo de futuro.

Até que as cinzas começaram a cair.

Primeiro pareciam neve...

Depois grudaram na pele, entraram na boca.

E tinham gosto...

Um gosto metálico, amargo.

Não era só poeira.

Era gosto.... gosto de... alguém....

Alguém que tinha nome...

Alguém que tinha mãos quentes poucas horas antes...

O mundo fechou janelas, virou o rosto.

Fingiu não ver.

Mas o vento ainda carrega esses rastros.

E quando o ar pesa,

É porque as cinzas ainda flutuam.

Elas ainda estão lá.

E ainda têm gosto.

*Sofia Barbosa Emerik
Brasília - DF*

2º lugar
Poesia de 13 a 18 anos

AQUILO QUE NÃO SE TOCA

O céu encontra o mar no horizonte,
Mesmo parecendo tão distante.
E eu aprendi com eles
que nem tudo precisa ser tocado
Para ser importante.
As ondas vêm e vão,
Como as pessoas na vida da gente,
Algumas deixam marcas na areia,
outras passam de repente.
Eu amo o mar,
porque ninguém sabe
O quão fundo ele é.
E o céu, mesmo em dias nublados,
Continua imenso e verdadeiro.
Talvez viver seja isso:
carregar profundidade por dentro
e mesmo assim continuar inteiro.

*Livia Baratti Fiusa
São Paulo - SP*

SUCESSÃO

Caminho pelos inícios
à espera de um final.
Lágrimas escorrem,
gritos ecoam.
Dentro da minha cabeça,
o mundo voa,
pousando no passado:
mesmas roupas,
mesmos penteados
e o sinal
continua fechado.

Somos feitos de vontade,
de desejo;
Somos a herança de pais que sonharam mudar.
Temos a mesma voz,
a mesma potência
e as mesmas mãos
que os calaram.

Ainda nos incentivam
a querer,
a viver,
a sentir,
a ouvir,
a respeitar,
a obedecer.

Fazemos tudo,
tudo o que podemos.
Andamos por todos os lugares,
todos os que são permitidos.
Vemos tudo o que queremos,
tudo o que nos mostram.
Ainda nos dizem que somos livres.

Alguns ainda tentam
espalhar cartazes,
decorados,
pensados,
amassados,
pisoteados.
Neles, mesmo sujo, ainda dá para ver
escrito em colorido:
"Abram seus cadeados.
O futuro está apressado".
Alguns ainda tentam
abri-los, mesmo sem a chave.

Apesar de sermos diferentes,
vivemos os mesmos,
mesmos erros,
mesmos medos,
o mesmo querer,
querer mudar.
E, apesar de tudo,
vivemos
assim como nossos pais.

*Sophia Sorg Barzsina
Aguai- SP*

A VIDA NA MENTE DE UM ESTRANHO

I. Eu sou um estranho

Não repare em mim,
Eu prefiro assim,
Mais um no rebanho.
Não me leve a mal,
Sou um homem banal,
Só mais um estranho.

Estou por aí.
Se passo por ti,
Nada de mim deixo;
Mas levo comigo
Quase que um amigo,
Fruto do desleixo.

Por vezes me sento,
Aguardo um momento,
Então me levanto
E deixo o lugar
Sem ninguém me olhar,
Sem nenhum espanto.

Não me esforço muito,
Mas, se num fortuito
Com alguém me esbarro,
Feito está meu dia,
Minha poesia,
Ídolo de barro.
Se penso em mudar
Me falta o lugar,

Me assombra o tamanho.
Mas, se não me entendes,
Culpa, então, duendes,
Pois sou só um estranho.

II. Talvez

Não posso entender,
Tento, mas não posso,
E a um tempo sinto-me esperto até demais.

Desprezo-os todos, são todos tolos!
Mas não há sequer um deles que deseje ser eu,
E não há o que não daria para ser qualquer um deles.

Talvez, se eu me despertar
E me puser a correr
Pra longe desse lugar,
E me puser a correr
Pra onde não me falta o ar,

Talvez, não mais que talvez,
Mas, ainda sim, talvez, eu
Serei aquele que fez;
Que foi lá e que escolheu
Ser da quietude freguês.

Ai, se ao menos a centelha!
Se ao menos eu desejasse
Ter fé ou coisa parelha!
Salvo estava desde já se
Quando prestes a tentar não me tomasse o cansaço...

Então deixo.
Deixo para outro dia,
Quando serei outra pessoa,
Vivendo onde não existe.

III. Aeroporto

Agradam-me os bares,
A Rua da Glória,
A Estação da Luz,
E da multidão
O anonimato
Na Vinte e Cinco de Março.

Agrada-me, sobretudo, o aeroporto,
Ver pousos e decolagens,
Sonhar que sou piloto.

Vago pelo terminal de embarque
Como quem pode ir-se embora,
E no burburinho dos desembarques, aqueço-me
Como se, de fato, por alguém esperasse.

E finalmente saio,
Levando uma mala e três carteiras
De gente para quem a vida
Pode ser que valha a pena.

Armando Sampaio de Rezende Neto
Carlsbad, EUA

2º lugar
Poesia de 19 a 39 anos

FALTA

Sempre falta

Não importa
Quantas estradas forem
Pavimentadas
Quantas palavras forem
Riscadas
Quantas terras forem
Aradas
Quantas formas forem
Atravessadas
Quantas rotas forem
Recalculadas
Quantas fórmulas forem
Calculadas
Quantas possibilidades forem
Descartadas
Quantas pessoas forem
Silenciadas
Quantas bocas forem
Beijadas
Quantas vezes forem
Atiradas
Quantas flores forem
Plantadas
Quantas ideias forem
Não importa

Sempre falta

(agora leia de baixo para cima)

*Lucas Barbosa Gomes do Nascimento
Rio de Janeiro - RJ*

AQUALTUNE

Aqualtune, meu descanso.
Aqualtune, meu abrigo.

Nos teus braços
Reencontro minha força.

Com teu vestido de ráfia
E teu formoso colar de contas,
Fazes minhas raízes
Resistirem contra o vento.

Vento forte.
Vento branco.

Sopra ódio
E violência
Em minha direção.

Resisto.
Confio.

Tua esperança
É chama acesa
No meu coração.

Trovejo.
Sou raio contra a ventania.

Festejo.
Sou ponte nessa travessia.

Aqaltune, mãe querida,
Guia teus filhos contra a maldade.
Dissolve o ódio dos corações
Com tua ancestralidade.

Saudosa mãe do Congo,
Ensina-nos a prosseguir.

Que meus passos
Sejam teus passos.

Não me deixes
Aqui.

Lucas Martins Leão
Paracuru - CE

O PÁSSARO

O pássaro bicava o vidro
e o vidro, por sua vez, devolvia ao pássaro um céu duplicado.

Havia no gesto uma repetição quase instintiva
um devaneio de atravessar o invisível
como quem pretende despertar o mundo do outro lado
sem saber que é o lado de dentro que está adormecido.

O pássaro ainda bicava o vidro
como se o limite fosse apenas uma distração do mundo.

Existia ali uma lacuna – suspensa, solitária.
De um lado, o paraíso simbólico. Do outro, a respiração da noite.
E, entre eles, o pássaro
– metade livre, metade prisioneiro de si.

O pássaro bicava o vidro e a sua existência
e seus sentidos eram enganados por estrelas artificiais.

Um dia, eu me descobri pássaro.
E algo em mim aprendeu a voar em segredo
ferindo as asas na tentativa do voo
insistindo no que não se abre por completo.

Então, percebi que nunca fui outra coisa
tentando atravessar o que não tem passagem
e, no entanto – inusitado consolo – era a falha repetida
que construía a minha consciência.

O pássaro não filosofava.
E talvez por isso doesse menos. Ou de uma só vez.
Bicava o vidro até que o gesto virasse cansaço
e o cansaço, esquecimento.

Do lado de dentro, eu.
Do lado de fora, ele.
Mas, de algum modo,
eu também estava do lado de fora – de mim.

Dani Pollidoro
Caxias do Sul - RS

PRIMAVERA PARAENSE

Ao apontar o mês de outubro, os teus rebentos,
De todo canto, tão agradecidos vêm!
A primavera peregrina nestas vias,
Florindo os corações devotos de Belém.

As orações se amontoando, em cada esquina,
São como rios afluindo para o mar.
Nunca se viu tamanha prole reunida,
Fiel à sua Mãe, unida a caminhar!

E o Guamá, cheio de barcos coloridos,
Admirando aos que suspiram de fervor...
Pois, como pode esse coral ser tão bonito,
Cantando, cada um, seu próprio “popopô”?!

Por terra e água, é sempre o mesmo seu destino:
O doce encontro à Genetriz de Nazaré.
Carregam velas e casinhas e anjinhos,
Em almas cheias de esperança e muita fé!

Mas, ao passar, no andor, a imagem da “Baixinha”,
Tal qual um bem apimentado tacacá,
Dá um tremor nos lábios, um pesar na língua,
Gotas de amor fazem os olhos marejar.

Ó doce Mãe, eu não sou mais que uma menina,
De quem teu Filho arrebatou o coração
E prendeu bem na corda da tua berlinda.
Ele, no colo; eu, na tua procissão.

Por isso, no segundo domingo de outubro,
A primavera paraense a florescer,
Revela e canta pro Brasil e para o mundo:
“Espia, mano, já é Círio outra vez!”

Virgínia Tereza Pereira Medeiros
Cametá – PA

AS VERSÕES QUE ME HABITARAM

Eu voltei.
Não como quem revisita ruínas por saudade,
mas como quem atravessa o próprio incêndio
sabendo que já não queima.
Olhei para trás
e encontrei meninas partidas,
mulheres interrompidas no meio do sonho,
versões de mim que aprenderam a respirar em silêncio
para não morrer de barulho.

Havia a que foi ferida
antes de entender o nome da dor.
A que confundiu culpa com sobrevivência.
A que acreditou quando não havia verdade.
A que diminuiu a própria luz
para continuar existindo.

Eu as vi.
Nenhuma invisível.
Nenhuma esquecida.
E então fiz o que ninguém fez por nós:
ajoelhei-me diante de cada uma
e pedi perdão.

Perdão por ter seguido em frente
sem levá-las pela mão.
Perdão por ter chamado de força
o que era apenas resistência.
Perdão por sobreviver
sem antes acolher quem sangrou.

Não voltei para reviver a dor.
Voltei para resgatar.
Recolhi cada fragmento
com mãos que já conheceram o limite,
com um corpo que aprendeu a ficar,
com uma coragem que só nasce
em quem já foi muitas vezes quebrada
e, ainda assim, permaneceu.

Hoje, sou a soma.
Não a ausência.
Não a negação.
Sou o corpo onde todas habitam em paz.
O coração que pulsa com cicatrizes reconciliadas.
A mulher que me tornei
não apagou nenhuma versão anterior
– eu as uni.
E quando me levanto agora,
não caminho sozinha:
caminho com todas as que fui,
finalmente inteiras,
finalmente minhas.

Iamara Lopes Valle dos Santos
Saquarema - RJ

Prêmio Especial Octávio Pereira Leite
- para autores com idade superior a 60 anos -

Octávio Pereira Leite (1902-1989) foi um dos fundadores e principais organizadores da Academia de Letras de São João da Boa Vista. Foi seu presidente por três gestões consecutivas, de 1981 a 1989, quando faleceu. Escritor inspirado, teve seu nome atribuído ao Prêmio Literário destinado aos maiores de sessenta anos de idade, seja em prosa ou poesia.

Pereira Leite nasceu em Bananal/SP. Exercendo a atividade de cartorário, residiu em Mogi Mirim, onde também colaborava em jornais, e em São José do Rio Pardo, cidade em que chegou a prefeito. Mudou-se para São João da Boa Vista, onde atuou como tabelião, redator do jornal *A Cidade de São João* e vereador. Foi ainda cofundador da Sociedade Cultural de Debates e do Serviço de Assistência Social, além de presidente do Rotary Clube, tendo recebido o título de cidadão honorário sanjoanense em 1967.

É autor dos livros *Sob os céus da Europa*, *Velhas páginas*, *O Nordeste e a Amazônia* e *Minhas memórias*, além de obras técnicas.

HERANÇA INVISÍVEL

Ceguei
dependurada no espaço.

Não me deram bens.
Deram-me o mundo
– ou o seu peso.

Recebi o indizível:
o silêncio diante do abismo.

Herdei um cansaço antigo
e uma fé acesa no escuro.

Aprendi a estender as mãos
e voltar com elas vazias.

Há vozes em mim
que não aprendi.

Chamam-me por nomes
que nunca tive.

Carrego uma casa sem teto,
feita de ausências.

Mas algo em mim
desobedece
e desata o fio.

*Eunice de Souza Almeida
Salvador - BA*

A TEIA DA LAGARTA

Teço a trança da vida
pelos fios invisíveis
desta substância fluida
que nomeamos poesia.

Nela cabem minhas dores
meus sorrisos
meus amores
e meus sonhos petrificados.

No rastro da crisálida tecida
entrelaço as linhas
pelos versos e desvarios
do meu quarto mudo.

Na semântica do tear
aglutino saudades
e eternizo meus espinhos
no paradoxo do papel-espelho.

Reinvento outonos
e lavro a terra do meu sentimento
para tecer com palavras
o beijo que adormeceu.

Na teia, atravesso cruces
e com os braços abertos
sangro minha transubstanciação
na folhagem das ausências.

Na alquimia, me resignifico
como um corpo-semente
de sussurros e silêncios
de solidão e polissemia.

No pulso, as mãos tecelãs
preparam o milagre
que vai devolver ao mundo
as caudas que se perderam.

Do ventre, salta a lagarta explodida:
eu, tantos
o poema, nós
um só tecido escrito!

Cezar Augusto Rufino de Santa Ana
Rio das Ostras - RJ

AS FERRAMENTAS DO PAI

Para desbravar sertões
derrubando suas matas
usavam-se ferramentas
de gume fino, afiadas.

Ainda não havia aqui
as motosserras vorazes
e derrubar uma árvore
só mesmo a machadas.

E para desdobrar as toras
uma vez caída a árvore
era a vez do traçador
de dentes cruéis e ávidos.

Vem depois a fase boa
de trabalhar a madeira
transformá-la em cercas, pontes
moradias de primeira.

Com afiado serrote
o formão, a plaina, a enxó
domava-se a madeira bruta
à base da força, sem dó
(sem dó, mas muito jeitinho
arco de pua, até martelo
só se usavam com mãos leves
como eram só as dele).

Esquadros para marcar
com lápis de carpinteiro
o lugar correto e exato
de furar, serrar madeira
transformá-la em peça
para se encaixar na outra
formando telhados, paredes
de construção-quase-barroca.

A fazê-la produtiva
usavam-se ferramentas
ainda mais incisivas:
com enxadas e enxadões
em alguns casos cavadeiras
nas terras mais daninhas
preparavam-se as leiras
cavavam-se covas rasas
cavavam-se covas fundas
(conforme fosse a semente)
e aguardava-se a chuva
que fazia crescer a lavoura
multiplicava aqueles grãos
que por mãos esperançosas
lançavam-se ali no chão.

Germinavam plantas tenras
nuas, frágeis criancinhas
recém-nascidas ou quase.
Preciso era cuidar delas
como se cuida do filho
mantê-las limpas, saudáveis
protegê-las dos inimigos
ervas daninhas, matos
ferrugem, pulgões, insetos
aves famintas, gafanhotos.

E para tanto se usavam
os chamados defensivos
nome ao veneno dado
por aqueles que o vendiam.

E quando a plantação era feita
onde medrava a quiçaca
a foice era bom instrumento
para botar tudo abaixo
e preparar grandes coivaras
deixando o terreno livre.
Plantavam-se com plantadeiras
o feijão, a soja, o milho.

Ou lançava-se com a mão
se fosse o arroz ou o trigo
como naquela parábola
do semeador da Bíblia.

Deslandi Torres
São Paulo - SP

Prosa

PROSA

Prêmio Fábio Carvalho Noronha

Prosa até 12 anos

- 1º lugar - Briga no sistema solar - Lorenzo Gomes da Mota - São João da Boa Vista - SP
- 2º lugar - Pudim regenerador - Beatriz Akemi Hamatsu Santos - São Paulo - SP
- 3º lugar - Sete dias - Liz Mançano de Alvarenga - São João da Boa Vista - SP

Prosa de 13 a 18 anos

- 1º lugar - Manual de como desaparecer em vida - Daniel Silva Cerqueira Santos - Simões Filho - BA
- 2º lugar - O peso do silêncio no corredor 3 - William Roberto Ramos Sorcheti - São João da Boa Vista - SP
- 3º lugar - Nem tudo era paraíso (e ainda bem) - Kauã Pires Pedro Vieira - São João da Boa Vista - SP

Prosa de 19 a 39 anos

- 1º lugar - Tentativa 1 - Gabriela Henriques Camelo - São João da Boa Vista - SP
- 2º lugar - Sujeita - Hélon Luiz Souza da Silva - Belém - PA
- 3º lugar - Um bilhete no bolso do casaco - Everton Viesba - Santo André - SP

Prosa de 40 a 59 anos

- 1º lugar - As linhas intransigentes do acaso - Alex Alexandre da Rosa - Jundiaí - SP
- 2º lugar - A paciência do calcário - Nilson Bernardi Ferreira - Ribeirão Preto - SP
- 3º lugar - A mulher que escreve - Francine Ribeiro - Campinas - SP

Prêmio Especial Octávio Pereira Leite

Prosa 60+

- 1º lugar - Finitude - Lígia Diniz Donega - Ribeirão Preto - SP
- 2º lugar - *Tiramisù* - André Luis Soares - Guarapari - ES
- 3º lugar - Sol que ferve, chuva que afoga - Evaristo Souza Soares - Mucuri - BA

Prêmio Fábio de Carvalho Noronha

Fábio de Carvalho Noronha (1918-1991) foi prosador, poeta, compositor e jornalista. Foi um dos fundadores da Academia de Letras de São João da Boa Vista. Como reconhecimento por seu trabalho, leva seu nome o Prêmio dedicado aos prosadores vencedores do Concurso Literário da instituição nas faixas etárias até 59 anos.

Nascido nessa cidade, foi um autodidata com extraordinária cultura geral. Foi por muitos anos diretor da Câmara Municipal, além de radialista na Rádio Difusora de São João da Boa Vista e jornalista em várias publicações, como *O Município*, *A Gazeta de São João*, *A Cidade de São João* (onde foi redator), além de jornais e revistas da região. Exímio comunicador e orador, grande conhecedor da história da cidade, era também multi-instrumentista e compositor, sendo o autor da melodia do *Hino Oficial* da cidade – com letra da acadêmica Lucila Martarello Astolpho. Escreveu contos, crônicas e poemas, entre os quais sonetos e trovas, modalidade que ajudou a divulgar.

Deixou um livro póstumo, *Estórias do cotidiano*, com contos curtos, e o inédito *Pérolas e plumas*, de poemas.

BRIGA NO SISTEMA SOLAR

Os astronautas da Nasa estavam no espaço, quando escutaram barulhos de fortes vozes. Eram os planetas do Sistema Solar brigando:

– Eu, Júpiter, sou o maior, e paro todos os meteoros para não acertar ninguém. Eu sou mesmo o mais importante!

– Não! Eu, Netuno, sou o melhor, pois sobrevivo longe do Sol e, de mim, chove diamante!

– Não, não, não! Eu, Mercúrio, sou o melhor! Eu sou o mais próximo do Sol e giro em volta dele muito mais rápido... Além disso, sou mais quente que aquele Vênus exibido!

Enquanto isso, Marte e Vênus estavam quietinhos jogando Uno, até que Vênus, escutando o comentário de Mercúrio, entrou também na discussão:

– O queeeeê??? Mercúrio, você pode ser o mais rápido, mas... que papo furado de “mais quente” é esse? Sai fora! Eu chego a mais de 460 °C na minha superfície e até chove ácido sulfúrico aqui!

Saturno quis também participar da disputa e passou exibindo suas 146 luas:

– Não preciso nem falar nada, né, gente? Isso é que é riqueza...

– Humpf... Eu, Urano, é que sou o melhor, sou o gigante de gelo! – disse o penúltimo planeta do sistema.

Nisso, a Terra chegou e pôs um basta na briga. Convenceu-os de que ela, sim, era a melhor, pois abrigava seres vivos de muitas espécies, inclusive seres humanos!

Todos, então, fizeram as pazes, e os astronautas voltaram para a Terra orgulhosos de seu planeta.

*Lorenzo Gomes da Mota
São João da Boa Vista - SP*

PUDIM REGENERADOR

Em um bairro calmo, havia uma casa. A moradia era tranquila, e essa tranquilidade atraía alguns animais indesejados pelos moradores. Certo dia, a família foi viajar para o litoral por uma semana. Mas a casa não ficou vazia no período. Uma lagartixa, que habitava em frestas nas paredes dos quartos, saiu para tomar sol. Todos os dias ela ficava no seu cantinho apreciando a brisa da tarde, mais especificamente ao lado da porta de entrada.

Uma semana depois, ao entardecer de um belo domingo, a lagartixa descansava olhando o sol se pôr lentamente no horizonte. O som de motor de carro fez a esparta dar um pulo de susto. Seu descanso acabara. Queria apenas aproveitar seus últimos segundos antes de voltar para a fresta. Mas, quando o dono da casa apareceu, a lagartixa se escondeu atrás do vaso de samambaia. O pai, a mãe e a filha entraram devagar, conversando sobre quão proveitosa fora a viagem, enquanto o pequenino réptil se esforçava para não ser visto.

Antes de a porta bater, a lagartixa arriscou entrar na casa correndo. Ela se esforçou ao máximo, mas não entrou inteira. A porta arrancou seu rabo. Ela nem sentiu. Só correu o mais rápido possível para não ser vista. Entrou na sua fresta e dormiu serenamente.

A mãe recebeu uma mensagem, anunciada com “plim”. Rapidamente, pegou o celular e viu a seguinte mensagem no grupo da família:

– Boa tarde. Só vim avisar que é hoje o nosso jantar em família. Lembrem-se de trazer cada família o prato combinado anteriormente. Vejo vocês em três horas.”

– Eu esqueci completamente! Vou fazer agora o pudim! – disse a mãe, amarrando o avental e pegando uma colher.

A filha, com seus três anos, foi brincar de bonecas no quintal. Estava no chão quando viu um rabo de lagartixa se mexer freneticamente. Segurou e analisou o “brinquedo”. Ela não sabia que era um rabo, muito menos de uma lagartixa. Foi aí que ela teve uma ideia genial: ajudar a mãe a fazer pudim.

Quando chegou na cozinha com o rabo de lagartixa, sua mãe não estava ali.

– Vou ajudar a mamãe a fazer um pudim super gostoso! Ela vai adorar, foi o que ela pensou. Pegou o rabo do animal e jogou no liquidificador, que já tinha outros ingredientes dentro. Quando virou de costas, viu a mãe olhando para ela.

– O que a senhorita está fazendo?, perguntou a mãe.

– Uma surpresa!, a filha respondeu alegremente.

– Não brinque com o liquidificador, certo? – A expressão do rosto da mãe era de gelar a alma

– Tudo bem.

A menina acabou não contando o que colocou lá. Mas um rabinho de lagartixa não faz mal a ninguém, não é?

Tudo correu normalmente. Na hora do jantar, o pudim foi desenhado e colocado em um prato. Todos elogiaram o pudim. Estava mesmo com um aspecto ótimo. E o sabor também. Todos, menos a menina, comeram o pudim. Porém, ela percebeu uma coisa. Toda vez que alguém tirava um pedaço, nascia outro no lugar. Era como se estivesse brotando pudim. A mãe colocou um pedaço no prato da filha.

– Eu não quero pudim – exclamou a filha apavorada.

– Por que não? Você adora pudim! – disse a mãe, estranhando a situação.

– Tem uma coisa no pudim. Tá brotando pudim aqui.

– Como assim? Não entendi.

– Tira uma fatia e fica olhando.

A mãe tirou uma fatia e olhava fixamente para o pudim. Toda a família viu. Era tenebroso. O pudim se regenerava. Quando viram isso, todos começaram a ficar intrigados e olhavam fixos para ele. A mãe, que comeu umas cinco fatias, desmaiou de susto e foi encaminhada para o pronto-socorro.

Foi feita uma análise do pudim, e os resultados foram impressionantes. Quando a filha colocou o rabo de lagartixa no liquidificador, o DNA da lagartixa foi para o pudim, e de alguma maneira o doce adquiriu o “poder” de se regenerar.

O médico foi falar com a mãe da menina:

– Não é nada grave. É a apenas uma indigestão.

– Mas eu vi se mexer. O que era aquilo?

– Fizemos uma análise e descobrimos um rabo de lagartixa. Ainda não sabemos muito bem o que aconteceu.

– Pode chamar minha filha aqui?

– Claro. Só não se levante da maca.

– Oi, mamãe. Você melhorou?

– Oi, filha, estou melhor. Posso perguntar uma coisa?

– Claro. Pode falar.

– Você colocou um rabo de lagartixa no pudim?

– Ééééé... então... talvez?

– VOCÊ COLOCOU OU NÃO?

– Se o rabo de lagartixa for um negocinho que pula, então coloquei.

A mãe se levantou da maca num pulo. A filha começou a correr pelos corredores gritando enquanto a mãe tentava alcançá-la. No final das contas tudo ficou bem, e a mãe só deixava a filha ajudá-la quando estava perto. O pudim também teve um bom final. Foi exposto no museu de curiosidades da cidade. Se você for fazer um pudim, tome cuidado com o que colocar.

*Beatriz Akemi Hamatsu Santos
São Paulo - SP*

SETE DIAS

Chuva. Tempestade. Relâmpagos. Trovões. Apagão...

Na manhã seguinte, Sofia, que tinha doze anos, sentiu-se meio desorientada e, embora não soubesse o motivo, sabia que algo havia acontecido. Mesmo assim, ignorou essa impressão e decidiu seguir o dia naturalmente.

Como de costume, passou maquiagem como da *influencer* superfamosa que ela achava linda e todos admiravam. A blogueira era sua inspiração! Sofia queria copiar tudo o que ela fazia, como falava, como se vestia... Queria ter a vida dela! Estava inclusive fazendo dieta para ser magra como sua musa. Por isso, tomou um café da manhã leve para ficar “seca” como a *influencer*.

Já na escola, percebeu que as pessoas pareciam muito assustadas, e logo descobriu que, por causa do apagão, ficariam sete dias sem *internet*.

Ela surtou.

Dia 1: Sofia chorou o dia todo, sentiu que o coração ia explodir de tão acelerado; ficou muito irritada e respondona.

Dia 2: Ficou muito ansiosa, perguntando-se como iria ficar sem sua maior referência. O que a blogueira faria? O que vestiria? Como se maquiaria? O que comeria? O que estaria achando dessa nova rotina sem *internet*?

Dia 3: Ainda emburrada, ficou cansada de ficar em casa e chamou a vizinha para conversar. Decidiram brincar na rua, que estava supertranquila. Sofia lembrou que a vizinha era sua amiga de infância, mas elas não se falavam há bastante tempo, porque as duas passavam horas nas redes sociais.

Dia 4: Como o dia anterior foi muito bom, ela decidiu chamar mais amigas para conversar, brincar e dar risada. Gostou tanto que nem percebeu como o tempo passou rápido e, quando anoiteceu, sua mãe precisou chamá-la para jantar. “Poxa vida, nunca achei que pudesse me divertir tanto!”, era a única coisa que ela pensava.

Dia 5: Quando acordou, Sofia percebeu como estava se sentindo mais calma, feliz e entusiasmada com a vida.

Dia 6: Para sua surpresa, depois de tanto tempo sem se olhar no espelho, se viu e gostou muito da sua imagem. Finalmente se achou bonita. Depois de reparar bem nas amigas, viu o quanto elas eram bonitas também! Cada uma com sua beleza, com sua cor, seus cabelos e suas características.

Dia 7: Sofia estava tão preocupada em brincar e se divertir que se esqueceu da *internet*, rede social e *influencer*. Ela passou a ver o mundo de um jeito mais calmo, feliz e colorido.

No oitavo dia a *internet* voltou, mas a adolescente nem ligou para isso porque estava tão feliz sendo ela mesma, que percebeu que, assim como a *influencer*, também tinha uma vida, mas como uma diferença: a dela parecia mais alegre. Percebeu mais: a vida de verdade, aquela que nos permite ser felizes e ver cores no mundo, não pode ser encontrada ou vivida numa rede social.

Liz Maçano de Alvarenga
São João da Boa Vista - SP

MANUAL DE COMO DESAPARECER EM VIDA

A gente aprende cedo a caber nos horários. Acordar antes do sol, engolir o café ainda quente, decorar caminhos que levam sempre ao mesmo lugar. Seis dias dados em troca de um único dia que não nos pertence por inteiro. Porque até no descanso vem o cansaço acumulado: de louças, de roupas sujas, de silêncios adiados.

E, no meio disso tudo, a gente se encontra. Não como antes, não como gostaria, mas como dá. Um riso curto no corredor, um "e aí, tudo bem?" que não espera resposta, um vídeo qualquer que arranca um segundo de fuga no meio do turno.

É assim que a gente se reconhece: pelos fragmentos. Você já reparou? Ninguém mais chega por inteiro. Somos sempre metade atenção, metade pressa, metade ausência. As conversas não terminam, são interrompidas pela próxima tarefa. Os abraços têm hora marcada, e às vezes nem acontecem.

A gente vai se tornando íntimo de quem divide o cansaço, de quem entende o olhar vazio no fim do dia, de quem ri, não porque está feliz, mas porque precisa continuar. E é estranho, porque, de algum jeito torto, é ali que ainda existe afeto. Nos intervalos cronometrados, nas pausas curtas demais, nos encontros que o tempo quase não permite.

Como se amar fosse isso agora: um esforço silencioso de não deixar o outro sumir entre um turno e outro. Lá fora, a vida acontece inteira, mas a gente só toca nela com a ponta dos dedos.

E quando finalmente chega o dia livre, a gente não vive – a gente se recupera. Como se existir fosse um trabalho que não dá folga.

No fim, o que sobra de nós não são grandes momentos, nem memórias completas. São recortes. Pequenas provas de que, apesar de tudo, a gente esteve ali: numa risada rápida, numa conversa interrompida, num vídeo salvo pra esquecer por alguns segundos que o tempo não é nosso.

E talvez seja isso o mais assustador: não a falta de vida, mas o costume. Porque aos poucos, sem perceber, a gente para de estranhar o fato de estar desaparecendo.

Daniel Silva Cerqueira Santos
Simões Filho - BA

O PESO DO SILÊNCIO NO CORREDOR 3

O corredor do bloco C sempre foi o lugar mais tenso da escola. Não era só pelas paredes descascadas ou pelo cheiro de produto de limpeza barato, mas pelo inspetor, o Sr. Rocha. Ele tratava a gente como se fôssemos prisioneiros. Tinha uma regra não escrita ali: “não veja, não ouça, não fale”. Se você quisesse chegar ao terceiro ano sem problemas, o segredo era ser invisível. O ambiente era desenhado para a gente se sentir pequeno; qualquer risada mais alta já rendia uma anotação na agenda.

Naquela terça-feira, o clima pesou de vez. Eu estava guardando meus livros quando vi o Rocha pensar o Lucas, um menino tímido do 9º ano, contra o armário. O Rocha dizia que o Lucas tinha pichado o banheiro, mas eu sabia que era mentira. Eu tinha passado o intervalo inteiro conversando com o Lucas no pátio oposto.

– Admite logo que foi você, garoto! – o Rocha gritava, enquanto outros alunos passavam reto, fingindo que não era com eles.

Meu estômago deu um nó. Eu tinha duas opções: entrar na minha sala, sentar na primeira fileira e garantir minha nota de “bom comportamento”, ou abrir a boca e virar o próximo alvo do Rocha. O medo era real. Eu sabia que, se eu me metesse, ele ia perseguir cada passo meu até o final do ano. O que valia mais? Minha paz ou a justiça por um moleque que eu mal conhecia?

Fiquei parado por uns segundos, sentindo o suor frio. “Cala a boca, deixa pra lá”, eu pensava. Mas aí olhei para o Lucas, que estava quase chorando, e percebi que o silêncio de todo mundo era o que dava poder para aquele inspetor.

– Ele não fez nada, Sr. Rocha.

Minha voz saiu meio falha, mas eu continuei:

– Ele estava comigo no pátio o tempo todo. Pode olhar nas câmeras, se estiverem funcionando.

O Rocha virou para mim com uma cara de quem ia me engolir.

– Você quer ser o próximo a ir para a diretoria, Gabriel? Volta para a aula agora!

– Pode me levar – eu disse, sentindo minhas mãos tremerem, mas sem recuar. – Mas o senhor está errado. Ele não pichou nada.

O inspetor ficou vermelho, bufou e acabou soltando a mochila do Lucas. Ele me deu uma advertência por “desrespeito à autoridade” e eu tive que passar a tarde limpando a biblioteca como punição.

As consequências foram imediatas: perdi meu treino de vôlei e gachei uma marca negativa na ficha. Mas, enquanto eu organizava as estantes, senti um alívio que nunca tinha sentido antes. O corredor continuava o mesmo lugar cinza e autoritário, mas a pressão no meu peito tinha sumido.

Percebi que eu não era mais só um “aluno obediente” que seguia a boiada. Eu tinha autonomia. No fim do dia, o Lucas passou por mim e só fez um sinal de “joinha”. Não precisou de discurso. Eu tinha mudado. O medo do Rocha ainda existia, mas o meu respeito por mim mesmo agora era muito maior.

William Roberto Ramos Sorcheti
São João da Boa Vista - SP

NEM TUDO ERA PARAÍSO (E AINDA BEM)

Quando a gente pensa em férias no Nordeste, imagina logo um cenário perfeito: mar azul, sol brilhando e zero preocupações. Eu também pensei assim quando viajamos, em família, para Porto de Galinhas no fim do ano.

A viagem já começou daquele jeito típico: empolgação, conversa alta, planos sendo feitos, como se tudo fosse sair exatamente conforme imaginamos. E, por um tempo, parecia que ia mesmo.

O calor, o céu aberto, o cheiro do mar – tudo confirmava que estávamos no lugar certo.

Mas férias em família têm uma característica curiosa: sempre guardam algumas surpresas.

No meio da animação, entre deslocamentos e novidades, quase esquecemos de pequenos detalhes – e foi aí que começaram os imprevistos. Teve medo, teve tensão, teve aquele momento em que todo mundo prende a respiração por alguns segundos. Teve até queda, susto e gente gritando ao mesmo tempo, como se fosse cena de filme, mas era só a nossa viagem mesmo.

E quando achamos que já tínhamos passado por tudo, veio a casa.

A expectativa era de descanso. A realidade... nem tanto. A casa alugada parecia ter parado no tempo: sinais de abandono, detalhes que ninguém quer encontrar quando chega para passar férias. Não era exatamente o cenário de descanso que imaginávamos.

Por um instante, bateu aquela sensação de frustração – aquela vontade silenciosa de que as coisas fossem diferentes.

Mas, curiosamente, foi aí que algo mudou.

Porque, mesmo com os problemas, ninguém desistiu da viagem. Aos poucos, entre risadas nervosas e comentários indignados, fomos nos adaptando. Saíamos, explorávamos, íamos para a praia, deixávamos a casa de lado e aproveitávamos o que realmente importava.

E o Nordeste continuava lá: bonito, quente, vivo.

No fim, percebi que viagens assim não são lembradas pela perfeição. São lembradas pelos imprevistos, pelas histórias que depois contamos rindo, pelos momentos que, na hora, parecem um problema – e mais tarde viram memória.

Porque, no fundo, não era sobre a casa. Nem sobre o susto. Nem sobre o plano que não saiu como esperado.

Era sobre estar junto.

E, de algum jeito, isso nunca dá errado.

*Kauã Pires Pedro Vieira
São João da Boa Vista - SP*

TENTATIVA 1

Bip. Como é difícil começar. Meu filho me pediu para que eu escrevesse as memórias da minha vida. Tudo o que eu conseguisse lembrar.

De início, a ideia me deu até arrepio. Porque...o que eu iria escrever? E o que iria acontecer quando eu acabasse? Como se, assim que eu terminasse, fosse junto meu tempo. Bip. Bip. Odeio essa máquina.

Vou começar escrevendo para você, meu leitor inexistente. Você que não me conhece nem tem expectativas sobre mim. Porque a verdade é que sou só um velho moribundo, que não fez nada demais na vida. Nasci, cresci, casei, tive filhos, trabalhei mais do que gostaria, e agora estou aqui. Aqui, sozinho, ligado nesse monte de fio. Com uma máquina ditando o ritmo da minha vida. Bip. Esse som já faz parte do meu raciocínio.

Bom, missão dada deve ser missão cumprida. Deixe-me pelo menos tentar. Vou ensaiar com você. Se eu fracassar aqui, eu só apago esse documento e finjo que ele nunca existiu.

Tudo começou quando minha bisavó veio de navio da Itália. Acho que é cedo demais. Vamos de novo.

Tudo começou quando eu nasci. Mas eu nem me lembro de nada disso. De novo.

Minha primeira memória importante é de quando eu segurei uma cobra para mostrar aos meus amigos na escola. Fui ovacionado. Todos me amaram. Menos a diretora, que ficou muito irritada. E minha mãe, que chorou de medo. Mas a verdade é que, hoje, eu duvido muito que essa história seja real.

Já visitei muitos zoológicos ao longo da vida e tenho sérias dúvidas de que o meu “eu” de cinco anos teria capacidade de controlar uma cobra. Meu “eu” de nenhuma idade, aliás. Credo. Odeio cobras.

A juventude foi boa. Só que fiz tanta coisa errada que vou deixar essa parte de fora. Não quero ser mau exemplo.

A vida adulta foi muito chata. Trabalho, trabalho, trabalho. Depois acaba a energia, a gente fica doente e tem que aguentar esse monte de bip bip bip na cabeça. Talvez esse texto esteja ficando muito mórbido.

Parando pra pensar bem, se eu disser aos meus filhos apenas sobre as dificuldades da vida, eu também não estarei sendo justo com tudo o que vivi.

Eu me casei jovem, com o amor da minha vida. Mas ela se foi antes de mim e me deixou um buraco no peito. Fiquei com tanta raiva de tudo. Que ódio que eu senti! Do mundo, até dela. Bip bip bip bip. Só depois que eu entendi que sentir raiva era mais fácil do que sentir saudade. Bip.

Só que, se não fosse ela, não teria meus filhos. Nem os netos que vieram depois. Os natais, as viagens de família. Ah! Aquela viagem pra praia em que caímos na maior cilada foi a melhor de todas! Bip bip bip. Pelo menos essa acelerada é boa.

Sabe, a gente tem mania de grandeza. Quer viver uma vida digna de Oscar. De livro *best-seller*. De filme de cinema. E a maioria de nós vai só viver uma vida comum. Vamos passar perrengue atrás de perrengue. E, no meio disso, vamos pedir uma pizza, ler um bom livro, dormir sem despertador, sentir cheiro de grama molhada. Aquelas coisinhas que dão uma paz de vez em quando.

É isso. Preciso dizer aos meus filhos que eu fui, sim, uma pessoa comum. E posso não ter tido importância pra mais ninguém além deles. Mas vivi. Ri, chorei, me apaixonei, me desiludi, me apaixonei de novo. Pedi muitos lanches, aprendi a mexer na *internet*, me senti um tonto a primeira vez que usei um *smartphone* e dei muita risada anos depois. Caminhei, fiquei de cama vendo filme, tive o privilégio de ter amigos incríveis. E, finalmente, estou pronto para me juntar a eles.

Mentira, não estou. Mas não sei bem como posso finalizar um texto de memórias. Será que acaba de repente? Será que eu acabo sozinho? Bip bip bip bip. Inferno. Nossa, só de dizer essa palavra fico com medo de estar definindo meu destino. Céus! Vou começar a xingar assim.

Queridos filhos, não se esqueçam de que a vida não é linha de chegada e, sim, processo. Caramba, agora ficou muito motivacional. Acho que vou parar por aqui. Não sei fazer isso.

Filho, juro que tentei. Porém, com medo de soar clichê, achei melhor não continuar. Tudo o que eu posso dizer é: seja fiel a você mesmo. Não tenha medo das expectativas alheias, como eu tenho. E, quando puder, vem reduzir o som dessa máquina que está me deixando louco. Bip.

*Gabriela Henriques Camelo
São João da Boa Vista - SP*

SUJEITA

Enquanto segurava a barra de ferro vertical fria e mais que usada, Hilda de Souza remoía as suas sortes na vida, ou melhor, a incólume falta de sorte que a acompanhara por toda a vida e a levava até aquele lugar: um suntuoso salão escuro, iluminado apenas pelas luzes vermelhas advindas do teto, do palco e do bar. Em relação àquele recinto, e mais ainda à condição na qual se via, nutria uma vergonha imensa, uma vez que ali estava fazendo vida, tornando-se o que o seu pai sempre sentenciou ser o seu destino inesca-pável: “Essa sujeita não vai dar pra que preste. Nasceu com cara, jeito e tudo de puta!”.

– Ei, magrela! – ouviu a voz esganiçada de Quitéria a poucos passos e se aproximando rapidamente. – Isso aqui é um puteiro, viu? Se tu quiser fazer a estátua, pode ir dando lugar, porque substituta é o que não vai faltar! Puta dá mais que caju em agosto.

Quitéria era a proprietária circunstancial daquela zona. Circunstancial porque seria dona enquanto o patrão quisesse, e nenhum dia a mais. Ela co-meçara um pouco mais velha que Hilda naquele ofício medonho, por volta dos dezessete anos, ali mesmo, no cabaré Perdição.

Uma menina de apenas quinze anos foi ali deixada pelo marido, jogada ao chão num vigoroso puxar do cabelo crespo e negro. Para curiosidade dos demais, não esboçou reação, como se fosse viver naquele chão cheirando a cerveja se ninguém a levantasse, lavasse e arrumasse. A menina era Hilda, e a pessoa que se solidarizou, cuidando dela, foi Quitéria, e elas se tornaram boas amigas, agora já duas mulheres feitas mais de mágoas que de sonhos.

– Me deixa, Quita! – disse Hilda revirando os olhos e depois sorrindo para a amiga, que também sorriu. O gracejo da companheira das noites devassas a trouxe de volta a si.

Àquela mesma noite dançou com avidez e atendeu um punhado de homens que saíram encantados. Não era por acaso. Isso era uma coisa que acontecia quando ela ficava com a cabeça cheia de reminiscências: lançava-se inteiramente ao trabalho, a fim de esquecer-se de si, de seu passado,

das nódoas que a levavam quase sempre às lágrimas; com o intuito de ficar tão exausta que não pensaria em mais nada. Assim se deu: quando se recolheu bocejando, não tardou a adormecer, o que, todavia, não representou alívio algum.

Ao contrário do que esperava, à luz de ser o habitual, Hilda de Souza não encontrou uma noite de sono sem sonhos, marcada pela sensação de apenas piscar, como se mal tivesse dormido de fato, mas sim um profundo dormir que a levou ao mundo onírico, pouco após pregar os olhos. Em seu sonho íntimo e único, banhado das águas de suas memórias e dores, viu, de maneira opaca e nebulosa, esta cena:

À mesa de madeira simples, estavam assentados a mãe, baixinha e magra como lhe faltassem nutrientes; o pai, alto, magro, com o osso zigomático pronunciado à face, devido ao trabalho muito e à comida pouca, um homem negro e carrancudo de cabelo crespo cortado à máquina bem baixinho; e a filha, uma Hilda de Souza quase tão fina quanto a que fará coisas aviltantes por meras notas de cruzeiro alguns anos à frente. Tinha apenas nove anos de idade e parecia mais com o pai, para quem olhou rapidamente, enquanto o bafo advindo da galinhada recém-tirada do fogo e posta em seu pequeno prato de ferro deixava tudo mais nebuloso e ainda mais opaco. O pai, para seu infortúnio, notou seu olhar.

– Que tanto me olha, sujeita? Perdeu alguma coisa aqui na minha fuça, ou tá querendo provar do cinto de novo?

Hilda sentiu um arrepio que lhe percorreu a espinha. As costas estavam marcadas da surra que levava do pai, porque havia esquecido de tirar a roupa do varal logo que caiu a chuva. A menina não disse nada, mas ficou mais imóvel do que antes – quase sem nem respirar.

– E ande logo nessa comida! E sem assoprar!

A ideia da menina era deixar a galinhada esfriar, pois estava ainda fervilhando no prato, de tão quente. Mas o pai, pela pura dominação que detinha em relação às mulheres daquela casa, queria infligir uma dose a mais de desespero à garota, que, sem se demorar, pegou a colher, preencheu-a com uma pequena porção de galinhada ardente e colocou-a na boca, sentindo-a arder em absoluto. Ela não ergueu o olhar. Ensimismou-se em sua dor silenciosa, respirando fundo, mas sem estardalhaço, preparando-se para mais uma pequena porção que, embora dolorosa, ainda era algo suportável. Percebendo isso, o pai indignado ordenou:

– Tu vai encher a porra dessa colher, senão eu vou te quebrar ao meio!

Hilda de Souza encheu a colher de galinhada e levou-a à boca. Lágrimas se formaram em seus olhos e, nem um segundo após, deu um berro que se ouviu ao longe e regurgitou a colherada torturante da boca ao prato. Quando enfim ergueu o rosto em uma súplica ao pai, sentiu o calor de seu pratinho de ferro à bochecha direita. O pai a havia agredido com tamanha violência que o prato amassou e o resto da galinhada depositada nele foi parar por toda a extensão daquele cubículo de pau a pique. Hilda foi ao chão em prantos. O pai levantou-a no ar, encarou-a bem nos olhos, destilando o seu velho olhar petrificante que, a despeito de toda a dor e de todo o desespero que se apoderaram dela, fê-la calar de imediato. As lágrimas ainda jorravam, seu corpo ainda tremia comedido. Havia um hematoma em seu supercílio, do qual escorria o sangue que corria nas veias de seu algoz, bem como uma queimadura em sua bochecha direita, ocasionada pelo contato com o fundo quente do prato. Seu cabelo estava repleto de arroz e, embora estivesse face a face com o pai que a sobre-erguia, não via todo o seu rosto, mas apenas aqueles dois pontos negros que doíam mais que os ferimentos: eram os seus olhos reiterando o desamor que nutria em relação a ela.

Olhou-a por mais alguns segundos, até conseguir ver comicidade na cena da menina imunda, entre petrificada e convulsa, e soltar uma risada no mesmo instante em que a jogou com violência ao chão, dizendo:

– E pode limpar essa cozinha, sujeita. E nada de ajudar essa sem-nome, visse, Alaíde?

A mãe de Hilda, imóvel e ainda sentada à mesa, assentiu com a cabeça, voltando a remexer a galinhada ao prato com a colher. Tão logo o marido a fuzilou com um olhar inquisidor, concordou:

– Tá certo, José, tá certo!

A pequena Hilda permaneceu no chão.

Quando a mulher Hilda acordou, percebeu, com lágrimas nos olhos, que havia molhado a cama novamente.

Hélton Luiz Souza da Silva
Belém - PA

UM BILHETE NO BOLSO DO CASACO

Ele encontrou o bilhete quando procurava as chaves.

Não era exatamente as chaves que buscava, mas qualquer coisa que justificasse abrir o armário que permanecia fechado havia meses, talvez anos, como se ali dentro estivesse guardado um casaco de inverno que representava uma parte inteira da vida, que ele aprendera a dobrar com cuidado e deixar esquecida.

O casaco ainda estava no mesmo cabide, pesado, debaixo de pó e escuro.

Quando o puxou para fora do armário, a lâ soltou um cheiro antigo de frio e de rua molhada, aquele tipo de cheiro que pertence menos ao tecido do que às caminhadas que ele costumava fazer ao entardecer, quando a cidade ainda parecia cheia de promessas pequenas e encontros que começavam com frases simples, quase distraídas, como se o futuro estivesse sempre logo ali, esperando a próxima esquina.

Ele enfiou a mão no bolso interno, ainda procurando algo que não sabia ao certo o que era e, então, sentiu o papel. Foi um gesto mínimo, mas o corpo reagiu como se tivesse tocado algo vivo, um fragmento de tempo comprimido entre as costuras do casaco.

O bilhete estava dobrado duas vezes.

Parecia tão velho que as bordas haviam adquirido aquele amarelo discreto que o papel ganha quando passa tempo demais esperando ser lembrado, parecendo que a memória também tinha um modo de envelhecer os objetos.

Desdobrou a primeira parte, a segunda e então abriu. A frase era curta:

“Não esqueça. Hoje. 17h.”

O primeiro pensamento foi “putz”. Então, ele leu outra vez e depois uma terceira.

A escrita era firme, inclinada ligeiramente para a direita, com a presa elegante de quem escreve um lembrete acreditando que voltará a ele em

poucas horas. Mas havia algo naquelas letras que parecia atravessar não apenas um dia, e sim muitos anos de silêncio acumulado.

Virou o papel e nada.

Da janela da sala entrava a luz inclinada da tarde, e sobre a parede o relógio marcava quatro e quarenta e um com a paciência indiferente de quem nunca esquece nada. O som do ponteiro avançando era discreto, educado, mas naquele momento parecia ocupar mais espaço na casa do que qualquer outro ruído.

Sentou enquanto o bilhete descansava entre os dedos.

“Não esqueça. Hoje. 17h”.

Tentou imaginar quem poderia ter escrito aquilo. Talvez alguém que tivesse passado pela casa em algum inverno antigo, alguém que precisou sair rápido e deixou o recado no bolso do casaco para ser encontrado antes que fosse tarde.

Mas havia algo na letra... Algo íntimo demais.

Ele foi até a mesa, pegou uma folha em branco e começou a copiar a frase lentamente, reproduzindo a inclinação das letras, o modo particular como o traço final desaparecia antes de terminar completamente.

Quando terminou, ficou olhando para as duas frases e entendeu. A letra era dele. O relógio marcava quatro e quarenta e sete.

“Hoje. 17h”.

Ele abriu uma gaveta e retirou um caderno antigo. As páginas estavam cheias de pequenas listas e anotações: comprar pão, ligar para alguém, buscar documentos, lembrar de coisas que na época pareciam importantes o suficiente para serem registradas.

Folheou devagar, a mesma letra estava ali, a mesma pressa. A mesma maneira de terminar as palavras antes que o pensamento se completasse.

Ele tentou lembrar.

Mas a memória devolvia apenas fragmentos: uma porta aberta no meio da sala, uma frase interrompida antes do final, o silêncio pesado que às vezes nasce quando duas pessoas percebem que chegaram ao mesmo ponto de uma conversa por caminhos diferentes.

O relógio avançou mais um minuto, depois outro. Ele pensou em sair.

Caminhar até o centro da cidade, percorrer as ruas onde costumava marcar encontros para o fim da tarde, quando o frio começava a cair e as

vitruines acendiam luzes que faziam parecer que a noite sempre chegava com alguma promessa escondida.

Talvez algum lugar despertasse a lembrança, talvez alguém estivesse esperando, mas permaneceu sentado. A frase parecia crescer dentro da sala.

“Não esqueça. Hoje. 17h”.

Quando o relógio finalmente marcou cinco horas, o som da mudança do ponteiro ecoou pela casa com uma clareza inesperada, como se aquele instante estivesse sendo repetido pela segunda vez.

Foi então que algo na memória se moveu, não uma lembrança completa, apenas uma imagem.

Alguém parado perto da porta com um casaco nos braços, alguém dizendo que voltaria às cinco. Ele dobrou o bilhete lentamente e guardou-o no bolso do casaco. E compreendeu, com a serenidade tardia que só chega depois de muitos anos, que o recado não havia sido escrito para lembrar um encontro.

Havia sido escrito para lembrar de não o esquecer, mas o inverno passou e relógio continuou andando, cinco horas chegou – exatamente como naquele dia.

Cinco. Ele percebeu então que aquela não era apenas uma hora, mas uma repetição. O relógio da parede sempre parava às cinco, desde aquele inverno. Ele nunca havia consertado, nunca teve coragem.

Segurando o bilhete, caminhou até a estante onde ficava a única fotografia que permanecia virada para baixo desde então.

Virou e na imagem viu dois rostos que sorriam diante de um frio que era menos duro do que o que o sentimento que veio depois.

Atrás da fotografia havia algo que ele nunca tinha visto, outro papel. Menor, mais antigo. Ele puxou devagar, viu que a letra era a mesma. A dele, mas a frase era diferente:

“Se você encontrou o primeiro bilhete, é porque eu já esqueci de novo.”

Ele sentiu o corpo inteiro esfriar, a mensagem continuava...

“Isso começou no inverno em que ela morreu.”

O relógio da sala avançou um segundo, depois outro e então ele percebeu algo que nunca havia notado antes: a fotografia estava marcada no canto inferior com um pequeno carimbo de hospital – cidade, data, hora do óbito: 17h.

AS LINHAS INTRANSIGENTES DO ACASO

Naquele dia, quando me despedi de minha mãe, tive uma sensação estranha, um aperto no peito. Algo me dizia para não sair de casa. Nos últimos anos, tive muitas chances de ser preso, de ser morto. Muitas ocasiões em que eu não enxergava uma saída. Acho que as orações de minha mãe me guardaram nos meus caminhos errados. Agradeço. Ela era tudo para mim e eu nunca correspondi à altura.

Mesmo assim, não era o bastante para me fazer ficar longe do crime. Sempre quis me dar bem. Essa vida miserável e as vontades de menino não entendem os conselhos dos mais velhos. Se quisesse um tênis novo, eu ia lá e resolvia. Já fui pego várias vezes. Ainda por cima, tinha orgulho. Não vou pagar de vítima, nem de culpado. Muito menos defender o sistema. Tenho meu próprio modo de resolver as coisas. A verdade é que não tive muitos exemplos bons. Minha mãe, esta, sim, sempre trabalhadeira, honesta, de bom caráter. Não ganhava nada, mas valia muito. Porém, era obrigada a deixar a gente pela vida, pelo mundo. E você sabe, sozinho na comunidade é complicado. A gente só se via ao final do dia, quando ela chegava ao barraco. Aos poucos, era eu que não chegava da rua.

Meu pai sempre nos trocou pela vida: primeiro, pela cachaça; depois, pelo tráfico. Agora ele está preso. Nos trocou pela grade.

As noites eram longas em casa. Os barulhos de tiro – barulhos de medo – ecoavam pelas madrugadas. Pelas frestas do barraco, eu via a luz do dia ao amanhecer, mas não enxergava a esperança. Comecei a apertar o gatilho também. Os mais velhos queriam nos dar conselhos, falavam para estudar e trabalhar. Para cima de mim? Não! Queria ficar na boa. Minha mãe me fazia ir à escola, me fazia estudar. Me fez aprender português na marra. Dizia que pobreza não era desculpa para escrever errado. Me repreendia todas as vezes que eu falava na gíria. Ainda assim, eu matava aula e ia para a rua. Eu até que era inteligente. Tirava notas boas nas redações. A professora sempre me

elogiava. Mas eu queria andar de carrão, queria que as meninas me olhassem com respeito.

E, sinceramente, não me via trabalhando em um emprego medíocre que iria conquistar como prêmio após anos estudando.

Na rua, as coisas são diferentes. Uma arma desfilando aqui, outra ali. Dinheiro fácil, tênis de marca, respeito. Quando percebi, queria ser igual a eles, igual ao meu pai – estava cego.

Ainda me lembro de quando empunhei minha primeira arma. Armado de fogo, indefeso de educação. Aquela sensação era diferente de tudo que já havia sentido. Sentia o poder, a chance. Queria sair logo para o crime. Quando a notícia correu, minha mãe me bateu – com um zelo abusivo –, falou que eu não ia cantar de galo por aí. Levei a maior surra. Mas não havia mais volta, eu tinha tudo de que precisava. Não segui o exemplo dela, e me arrependo até hoje.

Por anos, curti uma regalia que só o dinheiro pode oferecer, esbanjei malandragem. Dinheiro fácil, vai fácil, é o que dizem. Comprovo. Todo dinheiro que ganhava na rua, na rua mesmo ficava. Para isso, passei altos apuros, fiz coisas das quais não me orgulho. Mas a vida é assim!

No entanto, no meio de toda minha ilusão, algo ainda me fazia pensar em minha mãe. Como um cordão umbilical que nos une eternamente. Eu a via chorar todos os dias. Aquilo me deixava grilado. Minha mãe era a única que se importava comigo, era a única com quem eu me importava. Eu precisava mudar.

Aos poucos, a gente percebe o que vale a pena e o que não vale. Não queria mais aquela vida; o medo constante de ser preso e a vigilância da morte me davam calafrios – era um temor que só cabia a mim, mas era sentido de verdade por ela. Nossas Burradas afetam muito mais do que uma só vida. Vivia à sombra das consequências. O receio da prisão escondia a mentira da minha liberdade. O barato é louco.

Comecei a pensar na ideia de arrumar um emprego, sobreviver igual aos outros, tentar pagar as contas, dormir em paz. Na verdade, a esta altura da minha vida já queria me casar. Conheci uma menina, Juliana. Queria ter filhos, dar netos para minha mãe. Acho que agora entendo um pouco de seu sentimento. Não queria que eles fossem iguais a mim, queria que tivessem uma vida diferente.

Prometi a mim mesmo que deixaria o crime para trás.

Assim como toda escolha tem uma renúncia, todo homem tem sua fraqueza. Foi então que os camaradas me chamaram para uma última ocorrência, dinheiro fácil. Caí no conto. Minha mãe pressentiu. Pelo menos é o que acho, porque naquele mesmo dia ela me chamou para uma conversa. Falou sério. Coisas difíceis de ouvir, ainda mais difíceis de falar. Coisas que somente o amor de mãe arriscaria por um bem futuro. Às vezes, é preciso ver o filho chorar para ele não sofrer lá na frente. Não adiantou. Após desabafar, ainda falou que a vida era feita de escolhas. Que ela não queria ter o fim igual à maioria de suas amigas, ter que enterrar o filho antes da hora. Aquilo me comoveu. Não queria dar a ela essa tristeza – iria tomar cuidado. Ainda assim iria para o meu último delito, garantir minha aposentadoria.

Lembro-me dela se despedindo a caminho do trabalho na madrugada, com sua bolsa marrom e o seu terno azul. Ela rezava em silêncio, mas eu a ouvia. Sempre ouvia. Ela me deu um abraço forte. Disse que me amava. Que eu era um bom garoto – acho que estava errada.

Eu estava decidido. Com lágrimas nos olhos e um peso terrível no peito, pedi perdão em pensamento. Ela me entenderia.

No meio do assalto aconteceu o inesperado, os policiais chegaram. Houve tiroteio, era fim de tarde. Efetuei vários disparos – eles ainda ecoam em meus ouvidos nas noites longas. Fiquei preocupado, mas, com um pouco de malícia e artimanha, fugi com o dinheiro. Estava feito. Subimos o morro. Comemorava o sucesso. A vida de bandido acabava ali. Iria repartir o dinheiro e sossegar, pedir a Juliana em casamento.

Libertava-me daquela vida. Corri para o barraco para esperar minha mãe e contar as novidades, falar que seu filho iria se casar. Ela iria ficar emocionada, mas... ela não retornou.

As balas do infeliz sucesso escolheram um coração puro para se alojar. Uma senhora de terno azul e bolsa marrom foi vítima de bala perdida durante um assalto. As linhas do acaso, ou nem tão acaso assim, são intransigentes.

Depois disso, não demorei muito a ir para a cadeia – na verdade, nem tentei fugir. Estou preso, igual ao meu pai. Irônico que eu queria ser igual a ele. Um dia saio daqui. Um dia serei livre. No entanto, não importa. Estou condenado para sempre.

*Alex Alexandre da Rosa
Jundiaí - SP*

A PACIÊNCIA DO CALCÁRIO

Eu o senti antes de ouvi-lo.

Passos. Vibrações regulares sobre minha superfície. Sessenta e oito quilos distribuídos em borracha, pressionando calcário com a delicadeza de quem acha que pedra não sente.

Vocês sempre acham isso.

Ele entrou pouco antes das quatro da tarde. Lá fora: trinta e dois graus. Aqui dentro: dezenove vírgula três, estáveis há centenas de milhares de anos. Eu sei porque cada gota que escorre por mim carrega um relatório completo do mundo – temperatura, CO₂, poeira, cinzas. Vocês chamam de gotejamento. Eu chamo de memória.

O homem se chamava Renato – descobri depois, quando gritaram por ele. Naquele momento, era apenas calor invadindo equilíbrio.

Quatrocentos mil anos. Foi o tempo que levei para formar o salão que o deixou maravilhado. Estalactites de dois metros, centímetro por milênio. Ele achou bonito.

Obrigado, Renato.

Equipamento bom. Experiente. Sabia pisar, testar apoio, confiar na rocha. Mas não marcou o caminho. Nenhuma fita, nenhuma seta. Reconhecimento rápido, ele pensou. Conhecimento suficiente.

Confiança e arrogância são indistinguíveis para mim.

O erro aconteceu aos seiscentos e quarenta metros.

Uma fenda estreita, quarenta por setenta centímetros. Ar mais frio soprando do outro lado. Promessa de galeria nova. Para vocês, isso é irresistível.

Ele tirou a mochila, depois o capacete, e se espremeu. Eu senti o coração dele acelerar contra mim. Adrenalina.

Do outro lado, um salão pequeno. Argila úmida. E na parede: um ossuário.

Um *Smilodon populator*. Entrou ali há mais de onze mil anos. Ficou preso. Morreu em dezenove dias. Eu contei pelas marcas de garras nas paredes – dezenove camadas.

Renato viu. Fotografou. Mediu. Registrou tudo com precisão impecável.

Não aprendeu nada.

Comeu uma barra de cereal ao lado de um animal que morreu de fome.

Depois quis voltar.

Eu não mudei nada. A fenda era a mesma.

Quem mudou foi ele.

Duas horas comprimido, músculos rígidos, articulações inchadas. A mochila agora cheia de amostras.

Milímetros. Só isso.

Mas milímetros são absolutos quando não há espaço.

Ele ficou preso.

Renato tentou recuar primeiro. Sempre tentam.

O corpo humano foi feito para avançar – olhos na frente, braços projetados, músculos organizados para empurrar o mundo. Recuar exige outra lógica. Outra geometria. Ele girou o ombro direito, tentou desencaixar o quadril, forçou a mochila contra a rocha como se pressão resolvesse pressão.

Não resolve. Nunca resolve.

O ar mudou dentro dele antes de qualquer outra coisa. O padrão respiratório que vinha estável – quatro segundos entrando, quatro saindo – começou a quebrar. Três. Dois. Um suspiro irregular. O diafragma encontrou resistência onde antes havia espaço. Pequena. Quase imperceptível.

Mas vocês não entendem pequenas diferenças.

Um milímetro no mundo de vocês é nada.

Aqui, é destino.

Ele parou.

Ficou imóvel por alguns segundos, como se a ausência de movimento pudesse desfazer o problema. Foi nesse momento – e eu registro isso

com precisão – que o coração dele atingiu cento e trinta e dois batimentos por minuto.

Medo reconhecido.

Ele tentou outra vez, agora com força. Empurrou. Travou. Expirou completamente para diminuir o volume do tórax e ganhar espaço.

Funcionou.

Meio centímetro.

E então ele inspirou de novo.

E perdeu.

Peito comprimido. Braços desalinhados. Respiração curta. E calcário não cede. Nunca cedeu.

Ele gritou. Todos gritam.

O som percorreu minhas galerias e morreu no vazio. Ninguém ouviu.

Asfixia posicional. Vocês têm um nome técnico.

Eu chamo de geometria.

Renato morreu quarenta e uma horas depois. Não de sede. Nem de frio.

Morreu porque a cada expiração seu corpo diminuía – e eu ocupava o espaço.

Milímetro a milímetro.

Depois vieram procurá-lo.

Primeiro um. Depois quatro. Depois muitos.

Setenta e três pares de botas. Equipamentos inúteis. Comunicação falhando. Cristais esmagados. Comida abandonada. Urina infiltrando minhas fissuras.

Sete dias de ruído.

Vocês não entendem o silêncio. Eu fui feito para o gotejamento, não para o desespero humano.

Não encontraram a fenda.

Porque ele não marcou o caminho.

E eu não sinalizo.

Eu preservo.

No oitavo dia, desistiram.

O parceiro chorou. A mãe produziu um som que nem vocês conseguem nomear. Algo anterior à linguagem.

Depois foram embora.

E o silêncio voltou.
Agora somos três.
O Smilodon. Renato. E eu.
Há um detalhe que ninguém verá: os arranhões na rocha, do lado de dentro.
Dezenove grupos.
O mesmo número do felino.
Onze mil anos de diferença. Mesma tentativa inútil.
Garra contra calcário.
Nunca funcionou.
Nunca vai funcionar.
Os ossos de Renato vão se mineralizar. A argila vai cobrir tudo. As estalactites crescerão.
E um dia, outro homem virá.
Vai atravessar uma fenda diferente – porque eu mudo, lentamente – e encontrará dois esqueletos lado a lado.
Um com presas de vinte e oito centímetros.
Outro com um relógio no pulso.
Vai se maravilhar.
E não vai aprender nada.

Eu sou Saxum.
Eu sou paciente.
E vocês são calcário que ainda não sabem que são calcário.

*Nilson Bernardi Ferreira
Ribeirão Preto - SP*

A MULHER QUE ESCRIVE

Na calçada. No horário de pico. Lá estava ela, sentada, com as pernas cruzadas. Os pés descalços. Sobre suas pernas, apoiado numa mochila preta, gasta, tão gasta quanto a camiseta que vestia, um caderno. E ela escrevia. Concentrada. Escrevia alheia aos carros engarrafados. Escrevia. O que será que ela escrevia? Versos? Uma prece? Ou será que fazia contas? De quê? Às 17h51 de uma quinta-feira, ela escrevia, sentada na calçada de uma avenida movimentada.

No carro. No horário de pico. Lá estava eu. Às 17h51 de uma quinta-feira, voltando da terapia. Observando aquela cena. Eu, parada no trânsito, observava a mulher que escrevia sentada na calçada. O sinal abriu. Para mim. Mas não pude parar de pensar nela. No seu caderno. No que ela escrevia. Por que estava ali? Quantos anos tinha? O que significava aquele caderno pra ela? Será que, agora, enquanto eu escrevo, ela ainda escreve?

Provavelmente jamais encontrarei aquela mulher novamente. Nos breves minutos em que estive ali, observando-a enquanto a fila de carros se movia lentamente, pensei em desligar o som e o ar condicionado, abrir o vidro do carro, puxar conversa. Não o fiz. Agora, tudo o que posso fazer para conhecê-la é imaginar.

Sem muito esforço descubro que ela se chama Tereza. Que tem quarenta anos. Como eu. Vejo Tereza menina, com seus cabelos ruivos e uma mochila nas costas. Uma mochila colorida. Não aquela mochila preta, gasta, na qual ela apoiava seu caderno hoje à tarde. Tereza era uma boa aluna. Sentava-se na primeira carteira. Aprendeu a ler e a escrever antes mesmo de ir para a escola. Vejo Tereza com um caderno. Caprichado. Vejo a letra de Tereza. Uma letra bem desenhada, graúda. Letra de professora, diziam suas professoras. Letra de professora, repetiam os pais da menina. Tereza não morou sempre nas ruas. Os pais não puderam ir à escola. Eles não sabiam escrever. Nem ler. Mas ficaram muito orgulhosos quando Tereza ganhou um prêmio. Um prêmio de redação escolar. Ela ganhou uma caixa de chocolates, um caderno muito bonito, de folhas coloridas, e canetas: azuis, pretas, rosa, laranja.

Vejo Tereza escrevendo no seu caderno de folhas coloridas, como estava hoje na calçada. Concentrada. Sentadinha no passeio da escola. Es-

crevendo versos. Tereza não tinha amigos. Na escola, achavam que ela era estranha demais. Vejo Tereza só. Tereza e seu caderno. Escrevendo sempre.

Enquanto escrevo, me lembro de Tereza adolescente. Uma mocinha bonita. Pele branquinha, cabelos longos. Lisos, ruivos. Sardas no rosto. O lábio fino, o nariz pequeno, os olhos cor de mel, de uma tristeza doce e profunda. Tereza era tímida, tinha muita dificuldade para falar. Gaguejava. Mas, quando escrevia, as palavras lhe obedeciam tal qual os músicos e seus instrumentos a um maestro competente.

Um dia, Tereza encontrou Aristeu. Ele tocava violão e cantava. Ele leu os versos de Tereza. E se apaixonou. Ele musicou seus versos. Aristeu era sonhador. Dizia que eles ficariam famosos, ricos, conhecidos em todos os lugares. Tereza escreveu num bilheteinho que aceitava. E juntos meteram os pés na estrada.

Ele tinha uma voz grave, muito afinada e melodiosa. Tocava nos bares. Tocava nas esquinas. Tocava e cantava. E cantava os versos musicados de Tereza. As pessoas até achavam bonito, mas logo pediam pra que ele tocasse Raul, Chico, Caetano. Ele tocava. Mas seu coração entristecia. Queria mesmo era tocar e cantar Tereza. Não a Tereza de Jorge. Mas a sua. Ruiva.

Viajaram muito. Ele cantava. Ela escrevia – enquanto não vinha a fama e o sucesso que Aristeu lia nas estrelas. Por um tempo Tereza tentou ser escrevente, na polícia. Mortes, assaltos, mulheres espancadas, roubos, mais mortes, mulheres assediadas. O que ela tinha que escrever era tão feio, tão triste, que até perdeu o jeito de fazer versos.

Ele, então, se entristeceu de vez. Há muito a alegria dele eram os versos dela. Começou a beber. Tocava, cantava, bebia. Tocava, bebia. Bebia. Até que um dia, não bebeu mais. Nem tocou, nem cantou. E Tereza ficou sozinha.

Sozinha, ela esqueceu de ir trabalhar. Sem trabalhar, não recebeu. Sem dinheiro, deixou de pagar o aluguel. De repente, foi parar ali, na rua. Só. Com seus cadernos. Sozinha. Tereza se esquecia de si, só não esquecia de escrever. E voltou a escrever versos. Versos tristes. E também deu para escrever algumas histórias fantásticas.

Hoje, às 17h51, quando eu a vi, sentada na calçada, ela estava longe, muito longe. Ao lado de Aristeu, viajava em turnê. Eles finalmente são famosos. Ele toca e canta. Tereza escreve.

*Francine Ribeiro
Campinas - SP*

Prêmio Especial Octávio Pereira Leite

Octávio Pereira Leite (1902-1989) foi um dos fundadores e principais organizadores da Academia de Letras de São João da Boa Vista. Foi seu presidente por três gestões consecutivas, de 1981 a 1989, quando faleceu. Escritor inspirado, teve seu nome atribuído ao Prêmio Literário destinado aos autores maiores de sessenta anos de idade, seja em prosa ou poesia.

Pereira Leite nasceu em Bananal/SP. Exercendo a atividade de cartório, residiu em Mogi Mirim, onde também colaborava em jornais, e em São José do Rio Pardo, cidade em que chegou a prefeito. Mudou-se para São João da Boa Vista, onde atuou como tabelião, redator do jornal A Cidade de São João e vereador. Foi ainda cofundador da Sociedade Cultural de Debates e do Serviço de Assistência Social, além de presidente do Rotary Clube, tendo recebido o título de cidadão honorário sanjoanense em 1967.

É autor dos livros *Sob os céus da Europa, Velhas páginas, O Nordeste e a Amazônia* e *Minhas memórias*, além de obras técnicas.

FINITUDE

O veículo vai em baixa velocidade, seguindo pelo caminho traçado na vasta planície do parque. No volante, um homem busca ansiosamente por Akin. O leão não era visto há dois dias e ele pensava que já poderia estar morto. Sabe que a savana não tem piedade pelos idosos, desafortunados ou incapacitados.

Conhece-o de anos atrás quando esteve ali, para uma reportagem de campo sobre o comportamento dos leões. Acompanhou sua vida por um ano. Fotos e filmagens do leão dormindo, caçando, brigando, copulando. Desse trabalho surgiu a admiração pelo chefe do bando, o que não caçava para ficar protegendo os filhotes e o território, o que era o primeiro a fincar os dentes na presa e comer, o que ganhava a maioria das brigas e, como troféu, o direito de copular com a fêmea. No meio do calor insuportável da savana seca, o leão de juba escura, engenhoso, em perigo o tempo todo e grandioso de ser contemplado, fez parte de sua vida.

Agora, oito anos depois, estava de volta à savana. Sabia por outros que o leão ainda estava vivo. Só não estava preparado para o que viu. Ao invés daquela robustez, viu um animal lento, como se sua energia estivesse findando, e magro. Quando o localizou próximo ao riacho, estava sozinho. Daí passou a segui-lo. Os leões quando velhos são expulsos do grupo pelos jovens. Adquiria a sabedoria da velhice e não brigava mais por isso. Alimentava-se pouco, passava o dia dormindo e à noite tentava caçar, o que, na maioria das vezes, não conseguia. O leão, que na juventude corria até oitenta quilômetros por hora, agora era apenas uma sombra do que foi. Por um descuidado cochilo em uma noite, o fotógrafo havia perdido seu rastro. Irritou-se consigo pois precisava encontrá-lo, pressentindo que seu fim se aproximava.

Procura-o com uma sensação ruim crescendo em seu íntimo. Às vezes para e pega o binóculo, varrendo a savana. Nem sinal do leão. Ao longe avista

uma formação rochosa, sabe que esses felinos gostam de repousar ali. Vira o volante para a esquerda e vai naquela direção. A poeira sobe com o carro em maior velocidade, nenhum animal por perto, só bem além um bando de girafas e antílopes. Em uma súbita intuição, lembra-se de uma vez que encontrou Akin e seu parceiro no lado oeste das rochas, onde há um agrupamento de acácias. Dirige-se para lá, pisando forte no acelerador.

Quase chegando, breca e usa o binóculo. Akin não está ali, mas um pouco à frente. Ele caminha vagarosamente e está sozinho. Um alívio toma-o, "ainda está vivo!" Vai seguindo-o. Um pequeno rodaminho agita o ar e passa rápido pelas árvores. O leão chega em outras rochas e, com dificuldade, sobe na pedra mais baixa. Deita-se, cabeça ainda erguida. Em dois dias que o fotógrafo não o via, foi perceptível seu emagrecimento. Para o veículo e desliga o motor. Não está ali para gravar a cena, porém sente que precisa registrar em imagens os últimos minutos do leão. Apanha a filmadora e começa a filmar. Pelo zoom das lentes, acompanha a vida esgueirar-se para fora do seu corpo.

Akin permanece inerte, esforçando-se para respirar. Tem o olhar baixo, embaçado. Lentamente repousa a cabeça e volta a levantá-la, parece lutar contra o que é inevitável, todo o vigor e a impetuosidade que vai se esvaindo. Poucos segundos depois, tomba a cabeça com força e assim fica. O homem espera, ainda filmando, precisa ter certeza de que nada mais vai acontecer. Ao fim de alguns minutos, desliga a câmera.

Uma forte emoção toma-o de assalto. Seu leão não mais existia. Uma ideia passa por sua mente. Pega novamente o binóculo para certificar-se de que não há nenhum animal na redondeza. Felizmente está numa área em que a vegetação é bem rasteira e não há perigo de nenhum felino estar escondido. Tendo a certeza de sua segurança, faz o que sempre teve vontade e nunca pôde. Abre a porta e sai. Trinta passos separam-no do animal. No último, antes de subir na pedra, verifica se realmente não está mais respirando. Na ausência do movimento corporal, tem a certeza. Sobe e agacha-se ao lado de Akin. Olha o corpo que, ainda magro, exhibe uma robustez admirável. Imerso em emoções, observa as patas enormes, as garras, o dorso, os imensos caninos, a juba escura que atraía as fêmeas. Como ele é grande! A maioria das cicatrizes desaparecem ao fim de algum tempo, exceto se forem em volta do nariz e boca. Elas estavam ali, cada qual de uma briga ganha ou perdida, a

luta diária pela sobrevivência na savana. Esta juba... e se a tocasse? O homem estende o braço e desliza os dedos nos pelos ásperos. Imagens do passado voltam como *flashes* rápidos, flagrantes que sua câmera pegava do animal no bando. Calcula que ele durou quatorze anos – doze é a expectativa de vida máxima de um macho. A primeira causa de morte entre leões são outros leões, mas Akin viveu mais do que esperado e foi a morte natural que o levou. Teve uma vida que quase acabou algumas vezes em lutas sangrentas; contudo, teve outras chances que aproveitou bem.

Ainda o tocando, lembra-se da foto que o amigo fez, um retrato em preto e branco do animal com a juba com franjas escuras, encarando pela lente a noite da savana. Uma foto magnífica que ele fez questão de transformar num imenso quadro que está em sua sala.

Levanta-se, olhando em volta. Põe a mão no focinho, sobre as cicatrizes e murmura “obrigado, amigo, por ter me permitido ver seu fim”. Pensa na impotência de todos os seres diante dos desígnios da vida. Inútil rebelar-se. Ele bem sabe, há poucos meses teve o diagnóstico. Por isso se esforçou por voltar ali, precisava ver o leão pela última vez. Suas dores são constantes, vive com analgésicos fortes no bolso. Mas agora esquece-se de sua dor, admirando o animal que viu florescer em sua juventude até seu momento final. Com cinquenta anos, está realizado com a vida que teve. Fez o que mais ama: a fotografia e os animais. Não ficou rico, mas preço algum pagaria as aventuras em que se meteu. Leva um dissabor, o de não ter conseguido ser o marido de que Lea precisava. Sempre mergulhou fundo no trabalho e o lado pessoal ficou a desejar. Era de se esperar. A doença... bem, a doença ninguém sabe porque merece essa ou outra. Se for sua hora, aceita a morte como tem que ser. Claro que quer viver até os oitenta, por isso está fazendo o tratamento; aliás, nem poderia estar ali, a segunda etapa de quimioterapia o espera. Não tem ideia formada se vai conseguir se curar. Só sabe que luta, pois tem que lutar. A morte não lhe causa medo; a solidão no último segundo, sim. Talvez a própria morte precise dessa solidão para acontecer – o último minuto em que tudo que acumulou na vida, tudo que colheu e as pessoas que reuniu em volta de si, não valem de nada, pois, assim como o nascimento, são os momentos mais solitários do ser humano. Ainda olhando o leão, chora por ele e por si; as cicatrizes que Akin tem, ele também tem as suas, só que não são na pele e sim na alma. Repentinamente sente-se demasiado velho e cansado dessa savana

quente, seca e que cheira a carniça. Precisa sair dali. Desce da rocha e volta para o veículo.

Não vai de imediato. Ainda permanece olhando para o leão, esperando as emoções se acalmarem. Mais tarde refletiria que foi na morte que Akin lembrou-lhe aquilo que o fez tão especial em vida. Era um animal diferenciado, orgulhoso, pragmático, engenhoso e paciente quando, esporadicamente, caçava. Em suas lutas sabia o momento de se afastar e seguir em busca de novo território e oportunidades.

Dá partida e vira o veículo para voltar pelo mesmo caminho. O sol, bola incandescente, vai se aproximando do horizonte. O céu apresenta multicores do vermelho ao laranja. Conforme se distancia, dá uma última olhada em Akin pelo espelho retrovisor. Sente-se em paz por ter podido chegar perto e tocar seu corpo, a única vez sem nenhuma lente se interpondo entre eles. Um momento único que jamais esquecerá. Tempo. Tudo se resume em tempo – e Akin teve. Tenta se consolar com a lembrança de que sua vida, breve ou longa, feliz ou atormentada, incorpora uma vontade absoluta de sobreviver. Viu, então, que esse era o maior legado que o animal lhe deixou.

A poeira levantada pelo veículo turva-lhe a visão e a imagem do leão perde-se, ficando no passado. Pela frente, a estrada da vida, assim como a savana que não tem trajeto definido, é um infinito horizonte cheio de possibilidades que vão surgindo no dia a dia, onde um caminho vai sendo desenhado. Futuro, uma quantidade infinita de incertezas; seu destino, que não tem como saber o que será. Nem quer.

*Lígia Diniz Donega
Ribeirão Preto - SP*

TIRAMISÙ

Até poucos anos eu era o líder do meu país, cuja história é marcada por extremismo religioso e disputas por petróleo. Como ocorre a todos que possuem personalidade forte, ao longo da vida fiz muitos inimigos. Por conta disso, passei mais de vinte anos protegido por severo sistema de segurança, o qual incluía, entre outras coisas, dezenas de sócias com a finalidade de confundir possíveis assassinos.

Dentre os homens que me serviram como sócia, Khalil foi, sem dúvida, o mais habilidoso e o que mais se parecia comigo. Quando postos lado a lado – eu e ele – nem minhas esposas identificavam o verdadeiro. Contudo, tinha um grande defeito: a gula; que se tornava mal ainda maior, por ser também uma de minhas principais fraquezas.

Poliglota e mestre em artes marciais, Khalil era exímio atirador. Não bastasse, nas horas vagas era especialista em culinária e vinhos. Homem de educação refinada, não tardou a ser nomeado também meu provador oficial de alimentos, função à qual ele se dedicou com máxima eficiência. Khalil provava com minúcia cada fruto, cada massa, cada legume, água, sucos... Tudo que eu ia comer ou beber passava antes por sua boca. Seu degustar era meticuloso: saboreava as porções com olhos semicerrados; sorvia os líquidos de modo suave, quase em êxtase. Depois, dava ao corpo o tempo necessário para apresentar os efeitos danosos, caso os alimentos estivessem envenenados. Somente quando convicto de não haver o menor risco, ordenava aos criados que me trouxessem a refeição.

A princípio, a presença de Khalil deixava-me mais tranquilo. Com o passar dos anos, porém, seu jeito detalhista começou a me incomodar. Notei que as porções que me traziam estavam cada vez menores. Aos poucos observei que, quanto mais delicioso era o prato, menor a quantidade que chegava à minha mesa.

No fim da década de oitenta – logo após a guerra contra o Irã –, durante viagem à Europa para discutir questões políticas com outros líderes mundiais, contratei uma *chef* de cozinha de nome Dirce, em cujo currículo

constavam serviços prestados ao chanceler alemão Helmut Schmidt. Eu andava ávido por expandir meus horizontes gastronômicos.

Dirce preparava pratos deliciosos, como eu jamais havia provado. O problema é que Khalil também gostava. Quase tudo que me serviam era somente o sobejo desse fiel provador. Eu já quase me acostumara àquela humilhação quando, certo dia, trouxeram-me a guloseima que mudaria a história – um resquício de sobremesa que ocupava apenas meia tigela. Muito a contragosto, provei uma pontinha e, de imediato, tive a sensação de ter morrido e chegado ao Paraíso, sendo recebido de braços abertos por Alá. Uma lágrima escorreu de meus olhos e entendi quão doce poderia ter sido a vida, caso eu tivesse escolhido outros caminhos. Em agradecimento, ajoelhei, pus a testa no chão, orei em silêncio – corpo voltado para Meca.

Mandeí chamar a nova *chef* de cozinha para que me dissesse o que era aquilo. Ela foi elucidativa, como só os germânicos sabem ser:

– Chama-se *tiramisù*. Iguaria criada no Japão e aperfeiçoada em Treviso, na Itália, onde ficou conhecida por revigorar boêmios; feita com pão de ló embebido em café e conhaque Amaretto, entremeado com creme à base de queijo mascarpone e polvilhada com chocolate amargo.

Fascinado, ordenei que tal sobremesa me fosse servida em todas as refeições. Embora Dirce tenha seguido à risca minha ordem, de nada adiantou. O que eu recebia do delicioso doce era sempre mínima fatia. Por mais que eu reclamasse, Khalil afirmava ter sentido resquícios de algum veneno, o que, em nome de minha segurança, o levava a provar outros bocados. Perguntei se seria melhor demitir a nova *chef*; ele rejeitou a ideia, alegando precisar de provas mais concretas. Com isso, a ele cabia a quase totalidade do *tiramisù*, restando-me pedaço tão pequeno que somente servia para atiçar minha ira.

Mas a vida não é feita só de doces. Em 1990 fui informado por meus ministros de que a superprodução de petróleo do país vizinho fizera o preço do barril despencar no mercado internacional, afetando drasticamente as finanças da minha já tão endividada nação. Não pensei duas vezes: fui à guerra. E no que invadi o Kuwait, fazendo inverter novamente a tendência dos preços do barril, não tardou e outros países tomaram as dores. Sem prova alguma, acusaram-me de desenvolver armas de destruição em massa e de financiar a Al-Qaeda. Em março de 2003 os norte-americanos e os britânicos invadiram Bagdá. Havendo pouco a defender, fugi levando a família, meu estado-maior e os serviços mais íntimos.

Tendo se passado alguns meses, já instalado em lugar seguro, resolvi dispensar a Dirce que – agradecida por poder deixar a zona de guerra –, antes de se mudar para o Brasil, presenteou-me com imenso *tiramisù*, que eu guardei para comer sozinho, na madrugada. Porém, após tensa reunião com o que restara do alto comando do exército, ao abrir a geladeira encontrei somente a travessa vazia. Blasfemei mil vezes. Depois me acalmei e fui ler o Corão. Foi aí que o onipotente Alá me iluminou o pensamento. No dia seguinte chamei Khalil para uma conversa em particular e disse:

– Você é meu soldado mais importante. Preciso que se esconda e só saia quando eu chamar.

Ele concordou prontamente. Ordenei a alguns militares que o escoltassem até o abrigo em Tikrit, minha terra natal. Feito isso, envolvi a cabeça com um pano e fui à rua. Encontrei um telefone público, no qual havia um cartaz – PROCURADO! – onde se viam também minha fotografia, um número para contato e as cifras da sedutora recompensa. Liguei para o serviço de inteligência norte-americano, informando a localização exata do homem que eles tanto procuravam.

Pobre Khalil... os fuzileiros não lhe deram ouvidos quando, ao ser surpreendido dentro de um buraco no meio do deserto, ele tentou explicar que era apenas um sócia meu. Levado para Camp Cropper, ali ficou por anos aguardando julgamento. E por ninguém acreditar em sua versão, Khalil decidiu morrer com honra. Assumi de vez minha identidade, enfrentou a corte marcial com coragem e sabedoria impressionantes. Condenado por crimes contra a humanidade, ao ser levado à forca não tremeu – tendo ainda a dignidade de bradar versos islâmicos e frases patrióticas, antes que se abrisse o cadafalso.

Já eu, nem precisei de disfarce – as pessoas acreditam mesmo em tudo que veem na televisão. Quando Khalil foi preso, deixei o país tranquilamente pela fronteira oposta. Hoje... quarenta quilos mais gordo, careca, pele queimada pelo sol de Cancun, sem bigode e usando novo nome, passo os dias a gastar o dinheiro que, por décadas, guardei em bancos de paraísos fiscais.

Quanto aos demais detalhes de minha vida atual, somente Dirce conhece a verdade. Contratei-a novamente, agora que ninguém mais há que me roube o *tiramisù*.

André Luis Soares
Guarapari - ES

SOL QUE FERVE, CHUVA QUE AFOGA

A água chegou antes da luz.

Não bateu. Não empurrou. Apenas ocupou.

Jurema despertou com os pés já dentro dela. O colchão absorvia pelas beiradas, pesado como um corpo febril. A casa emitia um ruído baixo – madeira inchando, reboco abrindo, ferrugem cedendo –, um idioma antigo que ela aprendera a reconhecer sem tradução.

Ficou sentada por um instante, como quem mede a própria respiração antes de mergulhar.

Abriu a porta.

O beco era um corredor líquido. A água não corria: avançava. Gela-deiras, tábuas, baldes, um sapato solitário – tudo deslizava na superfície turva como se o mundo tivesse desaprendido a ter peso. O rio deixara de ser margem; tornara-se extensão.

Genésio estava de pé no meio da sala, imóvel. O olhar trazia outra paisagem: a terra branca de sal, o couro rachado dos animais, o horizonte estilhaçado de calor.

– Lá o sol comia por cima, disse. Aqui é por baixo.

Não havia amargura na voz. Havia constatação.

Um estalo percorreu a parede do fundo.

Jurema virou-se devagar. A fissura já não era linha – era caminho. A água infiltrava-se por ela com a paciência de quem sabe que o tempo está a seu favor.

No quarto, Luzia observava em silêncio. Não chorava. Segurava o caderno contra o peito como se segurasse temperatura.

– É agora? – perguntou.

Jurema não respondeu à pergunta. Apenas amarrou o cabelo da menina com firmeza e colocou a sacola plástica sobre o caderno.

– Vai pela parte alta. Se a água puxar, encosta no muro.

Luzia saiu medindo o chão com os olhos.

A chuva engrossou de súbito, pesada, vertical. Não caía: descia inteira. A parede do quintal respirou fundo antes de ceder. Quando veio, não foi estrondo – foi deslocamento. O mundo mudou de lugar.

A água entrou completa, com detritos e memória. A mesa virou. O fogareiro tombou. O santo de gesso rodou na corrente rasa e parou de lado, ileso, como quem escolhe assistir.

Genésio segurou Jurema pelo braço.

– Agora.

A água já lhes alcançava a cintura quando atravessaram a porta. Um vizinho estendeu uma escada. Outro ofereceu ombro. A casa ficou atrás, dissolvendo-se em silêncio, sem dramatização – apenas matéria retornando a matéria.

A chuva persistiu até gastar a própria força.

E então o sol.

Não surgiu como promessa. Surgiu como lâmina.

O beco fumegou. A lama brilhou em tons metálicos. O que restara das paredes desenhava no chão a sombra de um abrigo recente.

Jurema desceu devagar. Cada passo era arranque. Não havia mais quintal, nem mesa, nem o fio onde costumava estender roupa. Havia espaço.

Luzia voltou pela rua alta, o caderno intacto.

– Não entrou lá – disse.

Abriu a página.

Uma árvore ocupava quase tudo. Raízes profundas, abertas como mãos sob a terra. O tronco firme. Ao lado, uma nuvem escura riscava o ar com um traço vermelho que não tocava o chão.

Jurema tocou o desenho com a ponta do dedo, como se confirmasse textura.

Genésio aproximou-se, o sol ardendo sobre os ombros.

– A terra aqui não racha – murmurou. – Afunda.

Jurema caminhou até os escombros e encontrou, entre lama e madeira, a camisa branca. Sacudiu-a. A água escorreu primeiro grossa, depois clara.

Não havia mais varal.

Ela amarrou um fio entre dois postes tortos e estendeu a camisa ao vento quente. O tecido gotejou, depois começou a secar sob o sol implacável.

Não era gesto de desafio. Não era símbolo consciente. Era necessidade – e permanência.

O sol queimava. A lama ainda prendia os pés. Ao redor, vizinhos recolhiam o que podiam salvar: uma colher, um retrato, uma panela amassada. Ninguém falava alto. A reconstrução começa sempre em silêncio.

Luzia ficou ao lado da avó, o caderno aberto. Gênésio, um passo atrás, media o horizonte sem cálculo.

A camisa branca tremulava no ar espesso.

Entre o que ferve e o que afoga, ainda havia quem ficasse de pé.

Evaristo Souza Soares
Mucuri - BA

Menção Honrosa

Prêmio extraordinário concedido pelo poema abaixo,
em honra a Orides Fontela,
autora sanjoanense homenageada na 24ª FLIP,
Festa Literária Internacional de Paraty, 2026

POETA

Teus gestos foram entrelaçados à vida
num modo de se querer.
Poeta das palavras curtas
que escapam
como voos rasantes
dos pássaros que correm o mundo.

Como segredo, não direi teu nome,
porque és poeta.

O mundo foi te rasgando
querendo embrutecer as palavras,
mas poeta mora por dentro
e constrói a própria morada.

Teu valor, jamais negado,
pois, fora plantado com luta e coragem
para o tempo do florescer.

E tua poesia ao habitar às alturas
foi sem se abater pelas mazelas
que em vida te acompanharam.

Como segredo, não direi teu nome,
porque és poeta.

Poeta! Poeta! Poeta!

*Maria Bernadete Bernardo de Oliveira
Praia Grande - SP*

ACADÊMICOS NA ATUALIDADE

Antonio Carlos Rodrigues Lorette	Lincoln Amaral
Beatriz V. Camarinha Castilho Pinto	Lucelena Maia
Carmen Lia Batista Botelho Romano	Luiz Fernando Dezena da Silva
Celina Maria Bastos Varzim	Maria Cândida de Oliveira Costa
David Ribeiro de Oliveira Santos	Maria Cássia Sobreiro Dias Caldas
Pe. Claudemir Aparecido Canela	Maria Cecília Azevedo Malheiro
Clineida Andrade Junqueira Jacomini	Maria Célia de Campos Marcondes
Donisete Tavares Moraes Oliveira	Maria de Lourdes Oliveira Juvêncio
Fausto Luciano Panicacci	Maria Ignez dos Santos D'Ávila Ribeiro
Hélio Correa da Fonseca Filho	Maria José Gargantini Moreira
Jaime Splettstoser Jr.	Marly T. Estevam de Camargo Fadiga
Jenny Alexandra Rugeroni	Matheus de Paula Gião Lianda
João Batista Gregório	Neusa Maria Soares de Menezes
João Batista Rozon	Nívea Poli Barbosa
João Otávio Bastos Junqueira	Raul de Oliveira Andrade Filho
João Pedro dos Santos Ferian	Ronaldo Frigini
Jorge Gutemberg Splettstoser	Sérgio Ayrton Meirelles de Oliveira
Pe. José Benedito Almeida David	Silvia Tereza Ferrante Marcos de Lima
José Ricardo Bittencourt Noronha	Vania Gonçalves Noronha
José Rosa Costa	Vedionil do Império
José Dias Paschoal Neto	Wildes Antônio Bruscato
Lauro Augusto Bittencourt Borges	Wilges Ariana Bruscato

DIRETORIA ATUAL

Diretoria Biênio 2025-26

Presidente: Carmen Lia Batista Botelho Romano

Vice-Presidente: Vania Gonçalves Noronha

1ª Secretária: Maria Ignez D'Ávila Ribeiro

2ª Secretária: Maria Célia de Campos Marcondes

1º Tesoureiro: Sérgio Ayrton Meirelles de Oliveira

2º Tesoureiro: Raul de Oliveira Andrade Filho

Conselho Fiscal: Clineida Junqueira Jacomini

João Otávio Bastos Junqueira

Maria Cândida de Oliveira Costa

ACADEMIA DE LETRAS DE SJBV NA INTERNET

www.alsjbv.art.br

secretaria@alsjbv.com.br

facebook.com/alsjbv

instagram: @alsjbv

www.youtube/c/academiadeletrasdesaojoaodaboavista



